



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

ELIANA SOUZA D'ANUNCIÇÃO

REGISTRANDO O LÉXICO DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
INFANTIS EM MINAS GERAIS

Salvador

2016

ELIANA SOUZA D'ANUNCIAÇÃO

**REGISTRANDO O LÉXICO DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
INFANTIS EM MINAS GERAIS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia – UFBA como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Soares Costa
Ribeiro.

Co-orientador: Leandro Almeida dos Santos

Salvador

2016

ELIANA SOUZA D'ANUNCIAÇÃO

**REGISTRANDO O LÉXICO DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
INFANTIS EM MINAS GERAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau em bacharel em Letras Vernáculas, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 23 /05/ 2016

Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal da Bahia

Profa. Ma. Ana Regina Torres Ferreira Teles
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A *Deus*, grande responsável por todos os meus atos, pelas minhas conquistas, pela vida, pela sabedoria.

Aos meus pais, *Marilza e Izidoro*, e minha irmã, *Marilia*, pelo constante incentivo ao estudo e ao crescimento intelectual, nunca me deixando fraquejar.

Aos familiares: avós, tios, primos, que sempre compreenderam a minha ausência e souberam me incentivar a prosseguir.

A *Samuel*, meu noivo, capaz de acreditar em mim e no meu trabalho.

À Prof^a Dr^a *Silvana Soares Costa Ribeiro*, orientadora, pelo apoio, pela permanente paciência, compreensão, disponibilidade e dedicação. Acima de tudo, uma mestra.

Ao meu amigo e co-orientador, companheiro dessa jornada de aprendizado, *Leandro Santos*, pela competência, perseverança, paciência e dedicação.

A Minnie, minha cadela de estimação, pela lealdade.

A todos os amigos, especialmente *Edna Soares, Izabela Ferreira, Luciana Silva, Márcia Pinto e Tássia Santos*, incansáveis companheiros, pelo apoio em todas as horas de sufoco, estresse, de desânimo, sempre presentes para me acolher e estimular.

Aos meus professores que sejam tão inspiradores para outros alunos como foram para mim.

Aos demais colegas de curso, pelo estímulo dado ao trabalho e ainda pelas sugestões e trocas de experiências.

Ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), por ter me guiado em toda minha trajetória acadêmica, especialmente a *Marcela Moura Torres Paim*, que me impulsionou a seguir no caminho da linguística, e a *Ana Regina Teles* por me ensinar um pouco de seus conhecimentos cartográficos.

Ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil por autorizar a realização da pesquisa com os dados inéditos do Projeto.

A todos, muito obrigada.

*Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.*

Charles Chaplin

D'ANUNCIAÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 86fl. 2016. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Trata-se de trabalho que teve como objetivo divulgar os resultados de investigação sobre as denominações dadas às brincadeiras e brinquedos infantis em Minas Gerais, documentadas no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O estudo proposto fundamentou-se nos pressupostos teóricos da Dialectologia e da Geolinguística. No que tange à metodologia empregada, segue aquela prevista pelo ALiB. O trabalho consistiu da realização das seguintes etapas: leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; formação do *corpus*, constituído de inquéritos de Minas Gerais do Projeto ALiB, buscando as designações fornecidas pelos informantes para *jogos e diversões infantis* – perguntas 156, 157, 158, 159 e 167, do Questionário Semântico-Lexical do ALiB. Para esta pesquisa, foram estudadas 23 localidades pertencentes ao estado de Minas Gerais e a amostra é constituída de 96 inquéritos, dos quais 40 já haviam sido descritos por Ribeiro (2012). Os resultados da pesquisa são apresentados em gráficos e cartogramas que demonstram a variação diatópica observada no estado de Minas Gerais, revelando a importância que os estudos em Dialectologia exercem diante do fenômeno de variação linguística.

Palavras-chaves: Projeto ALiB; jogos e diversões infantis; Dialectologia e Geolinguística.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
INF	Informante
INQ	Inquiridor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical

LISTA DE CARTAS

Carta 01 –	Rede de pontos do Projeto ALiB – Minas Gerais	35
Carta 02 –	QSL 156 – <i>Bolinha de gude</i>	46
Carta 03 –	QSL 156 – <i>Bolinha de gude</i> – <i>Birosca/biloca/bilosca</i> – detalhamento do agrupamento	47
Carta 04 –	QSL 157 – <i>Estilingue</i>	55
Carta 05 –	QSL 157 – <i>Estilingue</i> – <i>bodoque/badoque/budogue</i> – detalhamento do agrupamento	56
Carta 06 –	QSL 158 – <i>Pipa</i>	64
Carta 07 –	QSL 158 – <i>Pipa</i> – <i>Isoglossas</i>	65
Carta 08 –	QSL 159 – <i>Pipa (sem varetas)</i>	72
Carta 09 –	QSL 159 – <i>Pipa (sem varetas)</i> Outras denominações	73
Carta 10 –	QSL 167 – <i>Amarelinha</i>	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 –	Sistema, Norma e Fala - adaptado do original publicado em Coseriu (1979).	19
Figura 02 –	História dos estudos dialetais no Brasil – periodização	24
Figura 03 –	Divisão dialetal proposta por Nascentes (1950)	29
Figura 04 –	Divisão dos falares de Minas Gerais proposta por Zágari (1998)	30
Figura 05 –	Mesorregiões estabelecidas pelo IBGE para Minas Gerais	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 –	Respostas documentadas para a pergunta 156/QSL – todas as respostas – Minas Gerais	43
Gráfico 02 –	<i>Bola de gude</i> – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais	45
Gráfico 03 –	Respostas documentadas para a pergunta 157/QSL – todas as respostas – Minas Gerais	51
Gráfico 04 –	<i>Estilingue</i> – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais	54
Gráfico 05 –	Respostas documentadas para a pergunta 158/QSL – todas as respostas – Minas Gerais	60
Gráfico 06 –	<i>Pipa</i> – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais	63
Gráfico 07 –	Respostas documentadas para a pergunta 159/QSL – todas as respostas – Minas Gerais	68
Gráfico 08 –	<i>Pipa (sem varetas)</i> – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais	71
Gráfico 09 –	Respostas documentadas para a pergunta 167/QSL – todas as respostas – Minas Gerais	76
Gráfico 10 –	<i>Amarelinha</i> – Percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 –	Localidades analisadas	34
Quadro 02 –	Formulação das perguntas dos jogos e diversões infantis a serem investigadas	37
Quadro 03 –	Formas lexicais para a questão 156 – QSL – agrupamentos	43
Quadro 04 –	Formas lexicais para a questão 156 – QSL – Dicionários	44
Quadro 05 –	Formas lexicais para a questão 157 – QSL – agrupamentos	52
Quadro 06 –	Formas lexicais para a questão 157 – QSL – Dicionários	54
Quadro 07 –	Formas lexicais para a questão 158 – QSL – agrupamentos	61
Quadro 08 –	Formas lexicais para a questão 158 – QSL – Dicionários	62
Quadro 09 –	Formas lexicais para a questão 159 – QSL – agrupamentos	69
Quadro 10 –	Formas lexicais para a questão 159 – QSL – Dicionários	70
Quadro 11 –	Formas lexicais para a questão 167 – QSL – agrupamentos	77
Quadro 12 –	Formas lexicais para a questão 167 – QSL – Dicionários	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	CONCEITOS BÁSICOS	17
2.2	LÉXICO	21
2.3	DIALETOLOGIA	23
2.4	GEOLINGUÍSTICA	26
2.5	A DIVISÃO DIALETAL DE NASCENTES (1953)	27
2.6	A DIVISÃO DE ZAGARI (1998)	29
3	METODOLOGIA	31
4	ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1	BOLINHA DE GUDE	41
4.2	ESTILINGUE	49
4.3	PIPA	58
4.4	PIPA (SEM VARETAS)	66
4.5	AMARELINHA	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

Para observarmos o comportamento linguístico do povo de Minas Gerais, no que se refere ao uso do léxico específico de jogos e diversões infantis, é necessário fundamentar-se nos pressupostos teóricos da Dialetologia e da Geolinguística no intuito de tentar compreender as relações intra e extralinguísticas que permeiam os estudos de variação linguística, já que se tem por definido a visão de língua como heterogênea.

Ao observar a realidade do português brasileiro, percebe-se, claramente, que a língua é heterogênea, desde que se considere o todo do português brasileiro e não apenas a idealizada norma-padrão. Como afirma Mattos e Silva, “*o português brasileiro fez suas variantes se distinguirem nos níveis linguísticos, sutil a diversidade, que não impede a intercomunicação em português brasileiro em todo território nacional, exceto, certamente entre os povos indígenas [...]*” (2006, p.222).

Para nos aproximar dessa diversidade dialetal brasileira, devemos observar a variedade que uma língua assume de uma localidade para outra, como forma de entender a diversidade linguística e cultural.

Os estudos sobre o léxico, em especial, nesta pesquisa, os relacionados ao campo-léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis, podem contribuir para a descrição do português e fornecer retratos da cultura, conforme expõe Brougère em “A imagem do brinquedo sintetiza a representação que uma dada sociedade tem da criança” (2010, p. 09). Assim, os dados coletados podem trazer marcas e registros do momento da infância de muitos brasileiros e os exemplos recolhidos podem revelar que cada falante, em seu espaço geográfico, tem os seus usos e suas formas de expressão e que esses refletem a cultura.

A partir do léxico encontramos uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil, pois o repertório lexical vai se moldando com o tempo, com as características sócio-históricas e político-culturais de uma comunidade. Ou melhor, as palavras que fazem parte do léxico estão sujeitas a constantes alterações, em função do desenvolvimento da língua falada e escrita, ou a processos de ampliação, tais como os neologismos ou os empréstimos. Assim, faz parte da língua viva a criação de novas palavras, sejam elas criadas por neologismo

popular, estrangeirismos, termos que surgem nas comunicações eletrônicas, novos termos técnicos ou neologismos científicos.

Através da Dialetoologia estabelecemos as fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, ou seja, tal ciência procura descobrir e descrever as diferentes formas de falar quando consideradas no espaço geográfico selecionado para análise.

A partir desses pressupostos, este trabalho vem sendo desenvolvido com o intuito de contribuir para os estudos dialetais no Brasil, fornecendo dados sobre o português brasileiro considerando sua diversidade espacial presentes na língua e atendendo, assim, ao objetivo geral do Projeto ALiB de fornecer dados para uma visão ampla da nossa língua através do mapeamento das variações linguísticas.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, além das referências bibliográficas. A Introdução corresponde ao primeiro capítulo. No segundo capítulo revelamos os pressupostos teóricos adotados na pesquisa e abrange: (I) Língua; (II) Léxico; (III) Dialetoologia; (IV) Geolinguística; (V) Divisão Dialetal de Nascentes (1953) e (VI) Divisão Dialetal de Zagari (1998).

No capítulo 3, expomos a metodologia do trabalho, detalhando os métodos e técnicas adotados para a realização da investigação. Podemos consultar, neste capítulo, alguns dados sobre o Projeto ALiB e sobre a elaboração do questionário de pesquisa, bem como a descrição dos critérios adotados para a análise sistemática dos dados coletados, após a realização das entrevistas e das visitas aos Arquivos do Projeto ALiB para consulta aos banco de dados ou audição de inquéritos. Além disso, também há uma breve contextualização histórica e geográfica das localidades de Minas Gerais.

O capítulo 4 demonstra a análise dos dados e foi baseado nas respostas coletadas após a aplicação do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, para as perguntas 156, 157, 158, 159 e 167.

No capítulo, expomos o que os dicionários registram para nomear os brinquedos aqui analisados.

Ao final, no capítulo 5, trazemos as considerações finais, que contemplam a relação entre os objetivos propostos e os resultados alcançados.

Ao tomar por base os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), estabelece-se a seguinte questão: o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis

auxilia na descrição do *Falar Mineiro*, conforme previsto por Antenor Nascentes (1953)?

Buscou-se, como objetivo geral do presente projeto, atestar ou não a vitalidade da divisão proposta por Nascentes (1953), no que tange ao *Falar Mineiro*, através de itens lexicais documentados pelos informantes, do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, e referentes ao campo léxico dos *jogos e diversões infantis*.

Para concretizarmos o objetivo principal, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar o perfil dos falares do Brasil localizados no estado de Minas Gerais;
- b) conhecer e registrar um maior conhecimento acerca das variantes lexicais específicas de *jogos e diversões infantis* características do Português Brasileiro;
- c) descrever a realidade linguística com ênfase na identificação das diferenças diatópicas consideradas na perspectiva da Geolinguística;
- d) examinar os dados do Projeto ALiB, com vistas a traçar isoglossas que contribuam para a definição do *Falar Mineiro*, confirmando ou não o traçado estabelecido por Nascentes (1953).
- e) examinar os dados do Projeto ALiB, com vistas a traçar isoglossas que contribuam para a definição do *Falar Mineiro*, confirmando ou não o traçado estabelecido por Zágari (1998).

A relevância desse estudo foi, sobretudo, a de aprofundar a pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que tem como objetivo a realização de um atlas geral para o Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa. Para isso, o Projeto conta com pesquisas realizadas por professores pesquisadores, auxiliados por estudantes-bolsistas de graduação, e por estudantes de mestrado e doutorado, que, através de suas pesquisas e análises, empenham-se para a realização dessa meta.

Torna-se, ainda, de suma relevância destacar que o desenvolvimento do projeto em pauta contribuirá, de modo significativo, para a descrição de outra área geográfica, o estado de Minas Gerais. Desta forma avançar os estudos para a parte

central do Brasil e fronteira com a Bahia, além de descrever a realidade linguística do Português do Brasil.

Também será relevante para a divulgação dos dados linguísticos em eventos científicos, tendo a tarefa de mostrar a nossa pesquisa sobre as variantes que encontramos nos estados de Minas Gerais. Ademais, colaborará para a descrição do léxico dos brinquedos e jogos infantis, tendo ainda uma principal relevância para os estudos lexicais da região mineira, assim podemos conhecer, resgatar e descobrir os fatores culturais desta região.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo, abordaremos alguns conceitos importantes para a base da nossa pesquisa, que foi realizada para descrever e registrar a diversidade linguística mineira, no que tange o léxico de *jogos e diversões infantis*. Assim, a fundamentação teórica está estruturada na descrição de conceitos básicos, tais como: língua, sistema, norma e fala, dialeto, dialetologia, geolinguística e a apresentação da divisão dialetal da língua portuguesa falada no Brasil proposta por Nascentes (1953) e da divisão dialetal do estado de Minas Gerais proposta por Zagari (1998).

2.1 CONCEITOS BÁSICOS

Há uma gama de perspectivas teóricas adotadas para fornecer o conceito de língua, ou seja, tal conceito está entrelaçado a diferentes concepções de estudos.

Se um informante for consultar o dicionário de língua portuguesa para saber o conceito de língua, ele terá como um de seus primeiros resultados, o seguinte significado de língua:

Sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito. (HOUAISS, 2009, p. 1182)

Observamos que Houaiss (2009) traz um conceito de língua tradicional, vendo que ela está construída de acordo com uma série de regras gramaticais, o que para nós não seria uma definição plausível, pois percebemos que há uma definição de uma forma muito generalizada. Não podemos esquecer que língua é muito mais que uma construção gramatical, ela faz referências às comunicações entre seus membros, de uma determinada comunidade linguística.

Para o precursor do estruturalismo, Ferdinand Saussure, língua é o sistema abstrato de signos inter-relacionados, de natureza social e psíquica, obrigatório para todos os membros de uma comunidade linguística, cabendo ao linguista analisar a sua organização e seus elementos constituintes. Conforme Martelotta:

A língua representa um sistema linguístico de signos. O signo é, portanto, a unidade constituinte do sistema linguístico. Ele é formado, por sua vez, de duas partes absolutamente inseparáveis, sendo impossível conceber uma sem a outra, como acontece com as duas faces de uma folha de papel: um significante e um significado. (2008, p.118-119)

Desse modo, o significante consiste numa sequência de fonemas, ou melhor, uma imagem acústica, já o significado representa o sentido que é atribuído ao significante.

É importante ainda destacar que, como atestam várias obras, Saussure aborda a língua como um tesouro social, que não podemos criar nem modificar sozinhos, sendo assim um conhecimento comum a todos, como podemos verificar no trecho que a seguir destacamos:

O entendimento saussureano é o de que a língua corresponde a parte essencial da linguagem e constitui um tesouro – um sistema gramatical – depositado virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. Sua existência decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Daí seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua. (MARTELOTTA, 2008, p.118-119)

A partir do ponto de vista da corrente gerativista, teremos uma visão geral e a respeito de língua, para Chomsky:

A capacidade humana de falar e entender a língua, isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genérica e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência linguística de um falante. (MARTELOTTA, 2008, p.129)

Aqui, abordaremos a visão de língua, que é responsável pela relação de comunicação social entre indivíduos, sendo assim uma atividade coletiva com todos seus falantes. Dessa forma, língua será vista como sendo “intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução.” (BAGNO, 2010 p. 36).

A língua é um fenômeno complexo que envolve práticas sociais, além de ser um meio de comunicação, assim “ao falar uma língua, o indivíduo mobiliza, intuitivamente, uma série de regras e estruturas que possibilitam a organização do pensamento e expressão de suas ideias” (COSERIU, 1979, p. 13-85)

É importante ainda ressaltar que, segundo Coseriu (1979), apesar de ter a maleabilidade e a engenhosidade da linguagem humana, o sistema linguístico impõe certos limites, necessários para que a língua cumpra suas funções comunicativas e expressivas dentro da fala, representando assim o sistema como um código para toda a sociedade.

Ainda de acordo com o autor, os falantes de uma dada língua quando reunidos em uma determinada região geográfica tendem a utilizar a língua de uma mesma forma, assim quando comparados com falantes de outra região geográfica, certamente, serão identificadas certas diferenças de uso, sem, todavia, estarmos diante de outro sistema linguístico.

Para o autor, ao abordarmos a língua, temos em mente um quadrado linguístico que a mantém, sendo ele: sistema, norma e fala.

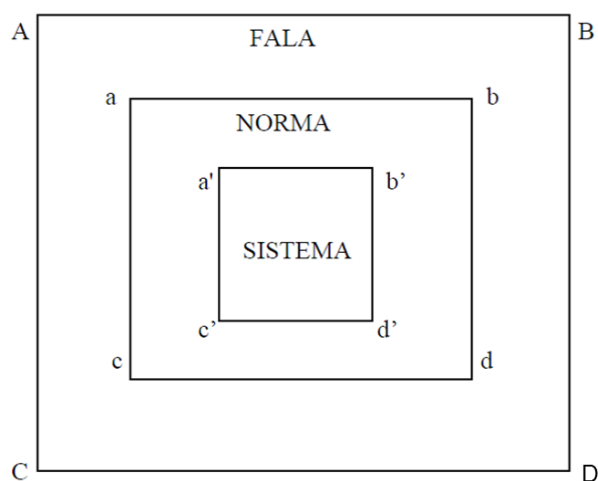


Figura 01 – Sistema, Norma e Fala - adaptado do original publicado em Coseriu (1979)

O *sistema* é um conjunto formado pelas unidades da língua que relacionam regras determinadas e estas regras são estabelecidas pelos próprios usuários e não pelos gramáticos, que simplesmente as descrevem. Portanto, o *sistema* se refere a um conhecimento internalizado na mente de um único falante, ou como um conjunto compartilhado por todos os indivíduos que falam a mesma língua, trazendo assim um conjunto de possibilidades de uma mesma língua. Ele é virtual, pois não está escrito em nenhum lugar, mas é revelado na norma.

A *norma* consiste nos padrões de uso, na maneira como os usuários utilizam o *sistema*. É através dela que os falantes se valem de algumas possibilidades e

descartam ou ainda não utilizam outras. Por meio dela é que falantes oriundos de diferentes regiões de um dado território utilizam diferentes formas linguísticas, além de revelar quais formas o grupo de falantes deve utilizar.

Fala é a concretização do *sistema* e o exercício da *norma* que cada um faz, é o uso individual da língua. Ela é a responsável por compor infinitos atos comunicativos praticados pelos usuários, podendo transmitir pensamentos, sentimentos e exteriorizar seus desejos e necessidades.

Em síntese, Coseriu (1979) afirma que é possível distinguir na língua três séries de características: (i) as características indispensáveis, isto é, funcionais: o *sistema*; (ii) as características normais, comuns e mais ou menos constantes, independentemente da função específica dos objetos: a *norma*; (iii) as características concretas, infinitamente variadas e variáveis, dos fatos linguísticos observados nas infinitas manifestações individuais: a *fala*.

A língua portuguesa é um instrumento de interação social da qual pertencem todos os membros de uma comunidade, o que faz dela um patrimônio social e cultural que se transforma historicamente, afirmando a sua dinamicidade e seu poder de se modificar, de acordo com a necessidade dos grupos sociais que dela fazem uso. Ou seja, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes, pois ela não é um sistema fechado e imutável, mas apresenta uma grande diversidade linguística e sociocultural.

A variação linguística é um interessante aspecto da língua portuguesa. Pode ser compreendida por meio das influências históricas, sociais, situacionais e regionais sobre os falares. Esta variedade só é possível devido às diversidades culturais e as características dos falantes, pois através deles podemos observar que eles possuem características próprias, como: faixa etária, sexo, escolaridade, local de origem e papel na sociedade.

As variedades linguísticas corroboram a ideia de dinamismo da língua, assim, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas, a língua sofre variações que melhor se adaptam às necessidades de determinado grupo. Entre os tipos de variações linguísticas está a diatópica, por meio da qual, tentamos definir os dialetos de uma língua visando mostrar a existência de diferentes modos de falar.

Entendemos que o dialeto é um conjunto de marcas linguísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-fonológica, restritas a uma comunidade menor inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, ou seja, o

dialeto é o modo característico de uso da língua numa determinada região. Para analisá-lo, podemos recorrer às isoglossas, em outras palavras, utilizam-se linhas virtuais que delimitam uma área. Conforme Ferreira e Cardoso:

Por isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e conseqüentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças linguísticas socioculturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilos (isoglossas diafásicas). (1994, p. 12-13)

Os traços de isoglossas servem para representar em mapas os limites entre os dialetos de uma língua, ou de um fenômeno de língua que se está estudando e se quer marcar geograficamente, trazendo assim, contrastes ou até mesmo semelhanças linguísticas, podendo observar, dessa forma, a língua e suas diversidades nesse território.

Há uma diversidade geográfica, o que permite observarmos divisões dialetais, em outras palavras, através do desejo de fazer um “retrato” linguístico das regiões brasileiras, o espaço geográfico foi dividido em áreas dialetais e esse foi retratado por diversos estudiosos, mas uma das mais reconhecidas, se não a mais conhecida delas, é a divisão de Antenor Nascentes (1953), como poderemos ver na página 29.

Apesar de termos consciência de uma ampla variedade linguística e dos diversos tipos de variação linguística presentes em um sistema linguístico, nesse trabalho, enfocaremos a diversidade regional, ou seja a variação diatópica. Observaremos, desta forma, e por meio do léxico, a variação diatópica ou regional presente no estado de Minas Gerais.

2.2 LÉXICO

O léxico representa todo o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para se expressar, oralmente ou por escrito. O usuário da língua utiliza o léxico para a formação do seu vocabulário, para sua própria expressão no momento da comunicação.

Conforme Biderman:

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras (2001, p. 14).

Língua e sociedade estão entrelaçadas, podendo demonstrar um conjunto de elementos diversificados que são importantes para o estudo do léxico, pois eles registram o conhecimento da sociedade e a diversidade dialetal.

Para nos aproximar dessa diversidade dialetal brasileira, devemos observar a variedade que uma língua assume de uma região para outra, como forma de entender a diversidade linguística e cultural, que ocorre por razões históricas e políticas.

A heterogeneidade linguística brasileira representa a riqueza cultural do nosso povo, pois a nossa língua não é só a gramática, mas os seus dialetos regionais, seus sotaques, suas escritas, além do seu vocabulário próprio. Assim, em cada região do Brasil, encontramos uma maneira de o povo se expressar.

A diversidade linguística no Brasil reside no fato de que estas diferenças expressam uma diversidade cultural entre os diferentes povos que aqui vivem ou viveram. Para compreendê-la, precisamos recorrer à história do Brasil. Durante o período colonial, o português falado no Brasil foi influenciado pelas línguas indígenas, africanas e por aquelas trazidas pelos imigrantes europeus, isso explica as diferenças regionais na pronúncia e no vocabulário. Essa razão histórica é um dos principais motivos para a diversidade linguística brasileira.

Nesse trabalho, enfocaremos a diversidade lexical brasileira, visto que o léxico de uma língua é uma das principais vias de comunicação e expressão de uma sociedade, deste modo, todo falante nativo faz uso e tem conhecimento de uma lista de itens lexicais que fazem parte do seu contexto social. Assim, nosso objetivo principal é demonstrar a variação diatópica, assim, revelamos as formas lexicais que podemos encontrar nas dimensões do espaço de Minas Gerais.

Sabemos que as ciências do léxico definem-se por seu objeto de estudo e por suas dimensões de análises, abordando seus objetivos e métodos específicos. Conforme Batista (2011, p. 31 - 32), a Lexicologia, Lexicografia e Terminologia são as ciências do léxico. A Terminologia refere-se aos termos específicos de determinado campo de conhecimento com vista aos estudos de vocabulários especializados. Já a Lexicografia diz respeito à organização e à apresentação de

definições de elementos no dicionário. E, por último, temos a Lexicologia que tem como objeto de estudo o léxico de uma língua, definido como o conjunto de unidades que compõem o universo lexical de uma língua. Importa dizer que a pesquisa aqui empreendida teve como foco a perspectiva lexical da lexicologia, pois esta é voltada, também, para os estudos de regionalismos.

A dinamicidade refletida no nível lexical em um vasto território, revela o modo como os falantes concebem a realidade que eles vivem, assim mostram informações a respeito da sua cultura e de seus hábitos.

Segundo Brougère (2010, p. 07-08), o brinquedo pode ser considerado como produto de uma sociedade dotada de traços culturais específicos de um determinado povo, pois ele está inserido em um sistema social, que está estabelecido num sistema de doação de gerações familiares. Porém também temos a visão do brinquedo dotado de um forte valor cultural, quando ele remete a elementos legíveis do real ou do imaginário das crianças, neste caso o brinquedo é tido como um forte valor cultural, pois traria a visão da cultura como o conjunto de significações produzido pelo próprio homem. Em síntese:

A imagem do brinquedo sintetiza a representação que uma dada sociedade tem da criança. Não é uma visão realista, mas uma imagem do mundo destinada à criança e que esta deverá construir para si própria. O brinquedo se mostra como um objeto complexo que permite a compreensão do funcionamento da cultura. (BROUGÈRE, 2010, p. 10).

Os estudos sobre o léxico, em especial os relacionados ao campo-léxico dos *brinquedos e brincadeiras infantis*, podem contribuir para a descrição do português e fornecer retratos da cultura. Assim, os dados coletados podem trazer marcas e registros do momento da infância de muitos brasileiros, e os exemplos recolhidos podem revelar que cada falante em seu espaço geográfico tem os seus usos e suas formas de expressão e que esses refletem a cultura e os papéis na sociedade.

2.3 DIALETOLOGIA

A Dialetologia tem a sua base nos trabalhos do final do século XIX e início do século XX, traçando a partir daí os novos rumos dos estudos sobre linguagem, trazendo como foco retratar a diversidade linguística por meio de atlas, em princípio regionais, ampliando para os grandes atlas nacionais.

Considerando o desenvolvimento dos estudos dialetais no Brasil, podemos dividir sua trajetória em quatro fases que caracterizam a história da dialetologia brasileira e observamos essa periodização na Figura 02 apresentada por Ribeiro (2012, p. 56), a saber:

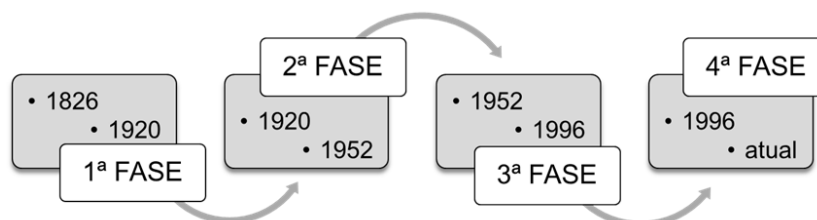


Figura 02 – História dos estudos dialetais no Brasil – periodização
Fonte: RIBEIRO (2012, p. 56)

A primeira fase – 1826 a 1920 – definida por Antenor Nascentes, caracteriza-se pela produção de trabalhos voltados para estudo do léxico e suas especificidades no português do Brasil, o que resultou na edição de numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais.

Antenor Nascentes, ao observar a evolução dos estudos dialetais, delimita a segunda fase – 1920 a 1952 –. Esta fase teve como marco a publicação de *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, e se caracteriza pela predominância de trabalhos voltados para os estudos gramaticais, não sendo abandonada, porém, a natureza dos estudos de lexicografia, divulgados na primeira fase dos estudos dialetais.

Ainda na mesma fase, em 1922, Nascentes publica *O linguajar carioca*, obra na qual o autor preocupa-se, inicialmente, em definir o que se entende por falar brasileiro, procurando situar sua obra no conjunto desses falares, contribuindo de forma importante para o conhecimento do dialeto carioca ao estudar a fonética, morfologia, a sintaxe e o léxico.

Conforme Ribeiro (2012, p. 58), “A importância da 2ª fase é atribuída à demarcação de áreas dialetais brasileiras, a que se junta a publicação de estudos monográficos como os de Amaral, Nascentes, Marroquim e outros”.

É importante ressaltar que a primeira e a segunda fase da dialetologia no Brasil correspondem às pesquisas monodimensionais, nas quais se analisa apenas a variação apenas no espaço geográfico.

A terceira fase – 1952 a 1996 – tem como marco inicial o decreto do Governo Brasileiro de nº 30.643 que determina a elaboração do atlas linguístico do Brasil.

Esta fase é definida por Ferreira e Cardoso (1994), docentes e pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia – UFBA –. É caracterizada pela produção de trabalhos com base em *corpora* constituídos de forma sistemática e é marcada pelo início de preocupações acerca do desenvolvimento e implementação dos estudos da Geolinguística no Brasil. Conforme Cardoso (2010, p. 148) “[...], não ficam, porém, ausentes desses períodos, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas”.

Nessa terceira fase, Antenor Nascentes, Serafim Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi se empenharam para a implementação de um novo momento para a dialetologia brasileira, ou seja, iniciam-se os estudos de Geografia Linguística. Além disso, temos também, como marco, a publicação da obra *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, de autoria de Antenor Nascentes (1961), que está segmentada em dois volumes, o primeiro em 1958 e o segundo em 1961. Tal obra é extremamente importante para fundamentar o início do trabalho nesse campo, além de motivar a realização do Atlas Linguístico do Brasil. Como marco da terceira fase, temos a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baiano – APFB* – que contém o volume comum conjunto de cento e noventa e oito cartas linguísticas, apresentadas em 1963 (ROSSI, 1963).

Por fim, chegamos à quarta fase – 1996 até os dias atuais –, estabelecida por Mota e Cardoso (2006) e marcada, logo de início, com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Marcaram nesse período, a ampliação do interesse pela Geolinguística e a incorporação de um alto número de pesquisadores nessa área e se verifica, também, o aumento de atlas regionais publicados.

“Do ponto de vista metodológico essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística” (CARDOSO, 2010, p. 149). Assim, é importante destacar que as terceira e quarta fases foram fundamentais para a dialetologia brasileira por focarem seus objetivos em estudos diatópicos relacionando-os com os aspectos sociais, ou seja, marca o início da Geolinguística Pluridimensional, trazendo a importância de ambos para a dialetologia brasileira.

Assim, essas quatro fases marcam o caminho que os estudos linguísticos brasileiros percorreram e ainda percorrem.

Por meio da Dialetologia, obtém-se uma “investigação mais aprofundada de áreas e localidades, examinadas nos diferentes níveis que a língua oferece, buscando-se, assim, a descrição plena do falar das áreas consideradas”

(CARDOSO, 2010, p. 11). Esta ciência estabelece as fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, ou seja, procura descobrir e descrever as diferentes formas que um falante tem de se expressar quando consideradas no espaço geográfico selecionado para análise.

A Dialetoлогия busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas. Assim podemos estudar a língua de uma região ora através da identificação dos mesmos fatos, ora pelo confronto entre presença *versus* ausência, no espaço geográfico, conforme Coseriu (1965, 1982, *apud* CARDOSO, 2010, p. 45), contribuindo para a visão de dialeto.

Em síntese, no estudo dialetológico, há uma preocupação em se estabelecer fronteiras geográficas, relacionando-as aos fatos linguísticos, ou seja, ela foca seu estudo nos fatores regionais com o objetivo de traçar contrastes e/ou semelhanças no espaço geográfico.

2.4 GEOLINGUÍSTICA

Com o desenvolvimento dos estudos dialetais, foi fundamental pensar em um método para analisar os dados recolhidos, para isso recorreremos a Geolinguística, como afirmam Chambers e Trudgill, “[...] La consecuencia fue el desarrollo de la geografía lingüística, una metodología o – más exactamente – un conjunto de métodos para recopilar de un modo sistemático los testimonios de las diferencias dialectales.” (1994. p. 37) .

Sabendo que a Geolinguística é um método da dialetoлогия que trabalha com o mapeamento linguístico, iremos fazer uma breve análise de como a Dialetoлогия vem utilizando esse método. Para isso, recorreremos à obra de Cardoso (2010), na qual podemos refletir sobre a geolinguística e a sua trajetória.

Conforme Mota e Cardoso (2006, p. 21-23), a geolinguística pode ser monodimensional ou pluridimensional. A primeira tem seu apogeu com os grandes atlas linguísticos nacionais, assim nela encontraremos “uma visão monoestrática, monogeracional, monofásica e homogênea”. Já na geolinguística pluridimensional, encontraremos os dados que são abordados por meio das relações sistemáticas dos fatos linguísticos com fatos extralinguísticos. Dessa forma, teremos uma visão pluridimensional abordando os parâmetros diatópicos juntamente com as variações sociais, como a diastrática, diageracional, diagenérica, entre outros.

A documentação de fatos em distintas regiões é fundamental para analisarmos como a língua está no nosso território brasileiro. Rossi (1967, p.104) afirma que “o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área”.

A variação espacial é tão importante quanto a social, pois os dialetos não sofrem a variação por ocupar certa localidade, são fatores regionais juntamente com fatores sociais que contribuem para a caracterização das línguas.

Assim, a geolinguística pluridimensional está numa “balança”, pois ela vem se pautando em duas linhas que são claramente delineadas: a primeira é a ciência que autodescreve os dialetos cabendo a sua tarefa acumular os projetos mais semelhantes e, em segundo lugar, uma tendência persistente para enriquecer a geolinguística monodimensional, com metodologia de modelo variacional, considerando novas possibilidades para o levantamento dados.

Podemos ver o retrato de como está a Geolinguística atualmente na interface dos estudos dialetais, conforme Cardoso aborda (2002, p. 14):

Creio que a Geolinguística hoje, neste final de milênio, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tornando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados reais.

Tendo com sua principal base a geolinguística, esse trabalho se pauta na análise da distribuição espacial de cinco *jogos e diversões infantis* utilizados em Minas Gerais, dando-nos indícios para traçar os caminhos dos dialetos para *brinquedos e brincadeiras infantis*. No que se refere ao contexto social, o trabalho não abarca a visão da geolinguística pluridimensional.

2.5 A DIVISÃO DIALETAL DE NASCENTES (1953)

Antenor Nascentes (1953) contribuiu muito para o estudo da língua portuguesa brasileira, sobretudo pautado na Dialetologia, sendo um dos primeiros estudiosos a realizar análises em dialetologia no Brasil, assim ele afirma:

[...] enquanto não existir o atlas linguístico do Brasil não se pode fazer uma divisão territorial em matéria de dialectologia com bases absolutamente seguras. Tal atlas está muito longe de se tornar realidade, por isso, não vem de todo fora de proposito que se tente esse considerado, embora sua realização seja de valor duvidoso e sujeito a revisão definitiva quando aparecer o atlas. (BARBADINHO NETO, 2003, p. 691 *apud* RIBEIRO, 2012, p. 80).

Com essas palavras, o dialetólogo já assegurava a importância de se registrar uma divisão dialetal brasileira e afirmava, também, que seu estudo precisava ser retomado e/ou revisado ao criarem um atlas linguístico geral do Brasil. Assim, o estudioso sempre aborda em suas obras questões a respeito da dialetologia brasileira.

Na obra, *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, volume II, em 1961, ele divulga como seria difícil à construção de um atlas linguístico brasileiro, argumentando, principalmente, para a extensa área de nosso território e, também, pelas condições financeiras que seria necessário para recolher os dados. Recomendando, *a priori*, que os atlas regionais sejam realizados, vendo através deles uma possibilidade de alcançar o atlas brasileiro.

Durante suas investigações, Antenor Nascentes publica *O linguajar Carioca* (1922), obra que demonstra o seu entendimento do falar brasileiro, procurando situar o linguajar carioca no conjunto desses falares, abordando como uma patologia linguística: “São do mais alto valor científico os casos de patologia linguística apresentados pelos dialetos; têm mais importância do que as questiúnculas fúteis sobre colocações de pronomes e outros assuntos”. (NASCENTES, 1922, p. 12 *apud* FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 41)

A proposta de divisão dialetal do Brasil de Antenor Nascentes (1953) constitui-se como uma referência importante para a nossa pesquisa, Nascentes declara ter chegado a essa divisão depois de haver realizado “o ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá, fizemos nova divisão que não consideramos nem pudéramos considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (BARBADINHO NETO, 2003, p. 701). Sua proposta de divisão dialetal ainda não foi testada integralmente, mas aos poucos estamos caminhando para comprovar a sua vitalidade, sobretudo com base em pesquisas empíricas, tais como as realizadas com os dados do ALiB, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016).

Sendo assim, o dialetólogo publica uma divisão dialetal brasileira, sendo composta por subfalares, que se reúnem em dois grupos que foram denominados: os falares do Norte (o amazônico e o nordestino); e os falares do sul (o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista). A proposta de Nascentes é completada com uma área definida pelo autor como território incharacterístico, conforme se pode verificar no mapa, divulgado por Nascentes em 1950 (cf. Figura 03).



Figura 03: Divisão dialetal proposta por Nascentes (1950).
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

2.6 A DIVISÃO DE ZAGARI (1998)

Mário Roberto Lobuglio Zágari, no intuito de demonstrar as peculiaridades do português falado em Minas Gerais, na plenitude de sua diversidade diatópica, afirma que, em Minas não há dialeto, mas sim um conjunto de falares, assim o autor expõe: “O que Minas apresenta são falares, isto é, realizações linguísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma outra definida escolha de um item lexical.” (ZÁGARI, 1998, p. 49)

Para abordar a diversidade linguística em Minas Gerais, o autor se pauta na geografia e história desse amplo território, e apresenta sob as formas de três falares a divisão dialetal encontrada na região mineira, sendo ela assim composta: o falar baiano; o *Falar mineiro* e o *Falar paulista*.

Zágari (1998) chama a atenção que ao estabelecer essas fronteiras que seria impossível demarcá-las como definitivas e diz:

“isso não anula, contudo, a realidade que interpõe esses três falares num jogo contrastivo: um belorizontino, um januarense e um urberlandense se sabem brasileiros e mineiros pela língua que falam, mas se sabem também, participantes de uma variedade, de diferente norma de fala. Qualquer observador atento notará serem eles oriundos de espaços diferentes das Minas Gerais” (ZÁGARI, 2005, p. 51).

Em síntese, apresentamos adiante o mapa de Zagari para melhor explicar as tendências observadas na divisão dialetal mineira, proposta em 1998 e republicada em 2005 (Zágari, 2005, p. 45-72), que apresenta três falares (cf. Figura 04):

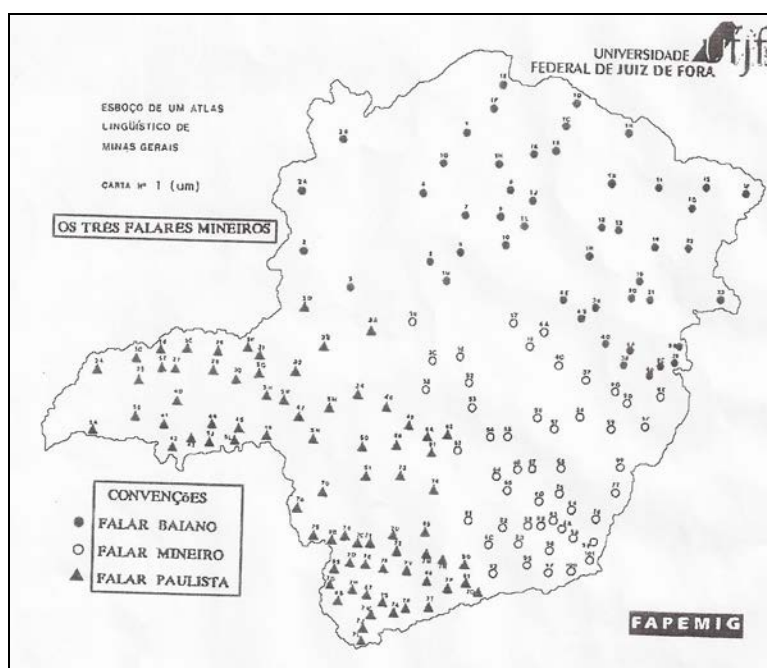


Figura 04: Divisão dos falares de Minas Gerais proposta por Zágari (1998)
Fonte: AGUILERA, Vanderci. 2005, p.64.

3 METODOLOGIA

Ferreira e Cardoso (1994, p. 09) afirmaram que “em toda pesquisa dialetal existe um antes, um durante e um depois. Tem-se, pois a fase de preparação, de execução e de análise. É preciso definir o antes, ter coragem para o durante e gosto para o depois”. Assim, as autoras expõem as fases de uma pesquisa dialetológica.

Esse trabalho dialetal segue a metodologia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e se pauta da perspectiva da geolinguística, método dos estudos dialetológicos, no qual temos “alguns passos definidos, no sentido de ordenar e proporcionar melhor rendimento da investigação e disciplinar a pesquisa” (FERREIRA e CARDOSO 1994, p. 23).

Segundo Cardoso (2010, p. 89), não se pode desenvolver uma pesquisa dialetal sem fundamentar os pontos, os informantes e os questionários. Esses foram classificados pela autora como o “tripé básico” para iniciar os estudos dialetais. É importante ressaltar, ainda, que eles serão moldados sob diferentes perspectivas a serem analisadas.

Ao tomar por base o *corpus* do Projeto ALiB, a pesquisa será desenvolvida por meio de inquéritos realizados no conjunto de localidades que compõem um campo de investigação linguística, selecionado em função do espaço, da história da região, entre outros fatores. Como afirmam Ferreira e Cardoso (1994, p. 24):

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se proporcionou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da situação demográfica, enfim, pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas.

O nosso interesse se pauta em estudar as variações lexicais no âmbito da unidade da Federação denominada Minas Gerais. Localizado na Região Sudeste do país, é o quarto estado com a maior área territorial e o segundo em quantidade de habitantes, além do seu território ser subdividido em 853 municípios, a maior quantidade dentre os estados brasileiros. Estes municípios cresceram e se desenvolveram sem perder sua riqueza cultural e histórica, se tornando, assim, alvos de grandes atrativos turísticos e para pesquisas de diversas áreas do conhecimento.

Ao fazer uma breve contextualização história sobre Minas Gerais, podemos afirmar que ele se iniciou no século XVI, no período da colonização do Brasil, devido à busca de ouro e pedras preciosas. A partir do século XVIII, a região se tornou um dos principais centros econômico do território brasileiro, tendo como base principal a mineração.

As principais atividades socioeconômicas de Minas Gerais estão destinadas à produção de café, principalmente, além da cana-de-açúcar, cereais, fumo e algodão. realizadas em indústrias de pequeno e médio porte. Porém sua economia continuou sendo baseada nas diversas fazendas que são habitadas, até hoje, na região de Minas Gerais.

Levando em consideração o contexto histórico mineiro, podemos afirmar que houve uma diversidade de povos que migraram para lá em busca das riquezas que aquele estado poderia oferecer. Isso permitiu o contato de várias culturas, inclusive, o contato de diversas línguas, favorecendo, assim, uma diversidade lexical muito ampla seja registrada em Minas Gerais. Como afirma Isquierdo: “[...] As migrações do homem se traduzem também em migrações das palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzem a realidade sociocultural desses grupos.” (2009, p. 43). Logo, é através do léxico que o homem nomeia o espaço que ele circula.

É importante ressaltar que o estado de Minas Gerais é dividido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – em doze mesorregiões, subdivididas em 66 microrregiões¹. Assim, o estado de Minas Gerais está dividido em 12 mesorregiões e 66 microrregiões. De acordo com o IBGE, este sistema de divisão tem aplicações importantes na elaboração de políticas públicas e no subsídio ao sistema de decisões quanto à localização de atividades econômicas, sociais e tributárias. Contribuem também, para as atividades de planejamento, estudos e identificação das estruturas espaciais de regiões metropolitanas e outras formas de aglomerações urbanas e rurais.

As doze mesorregiões estabelecidas pelo IBGE para Minas Gerais são as seguintes: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte,

¹ *Divisão Territorial do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1990. p. 17. Consultado em 02 abr. 2016.

Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sul/Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata, como podemos visualizar na distribuição geográfica a seguir apresentada (cf. Figura 05):

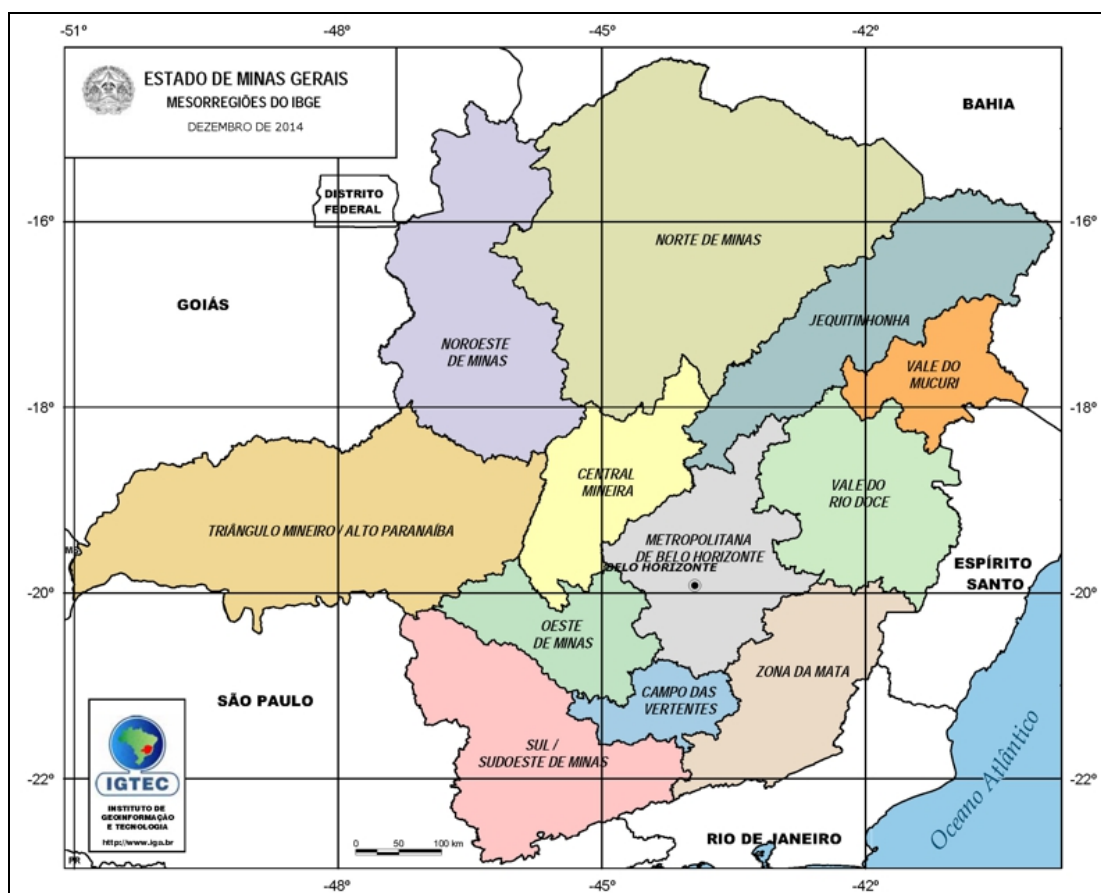


Figura 05: Mesorregiões estabelecidas pelo IBGE para Minas Gerais²

Nossas análises se restringem à rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil da região mineira e que estão apresentados no Quadro 01. O total de localidades pesquisadas é de 23 pontos de inquérito.

Podemos ainda verificar, no Quadro 01, as principais características das localidades de Minas Gerais, no intuito de conhecer a região que será explorada para nos guiar nos caminhos linguísticos que permeiam o estado de Minas. Assim, abordamos a riqueza do bioma, sendo registrados três, são eles: caatinga, cerrado e mata atlântica. Além disso, fizemos um breve levantamento de sua população e sua

²Fonte: Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/governomg/portal/c/governomg/conheca-minas/geografia/5669-localizacao-geografica/69547-mesorregioes-e-microrregioes-ibge/5146/5044>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

área (km²), através do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é a organização pública responsável pelos dados e estatísticas brasileiras. O IBGE faz análises, pesquisas e divulga informações demográficas, sociais e econômicas do país, dividido por Estados, cidades e etc, com o objetivo de fazer com que toda a população tenha conhecimento sobre o país.

Nº do ponto	Localidade	Fundação	Área em quilometro (km²)	Bioma	População
127	Januária*	07/10/1860	6.661,666	Cerrado e Caatinga	65.463 hab.
128	Janaúba*	27/12/1948	2.181,319	Cerrado e Caatinga	66.803 hab.
129	Pedra Azul*	01/061912	2.181,319	Cerrado e Caatinga	23.839 hab.
130	Unaí*	31/12/1943	8.447,417	Cerrado	77.565 hab.
131	Montes Claros*	03/07/1857	3.568,941	Cerrado	361.915 hab.
132	Pirapora*	01/061912	549,514	Cerrado	53.368 hab.
133	Teófilo Otoni*	09/11/1878	3.242,270	Mata Atlântica	134.745 hab.
134	Diamantina*	06/03/1831	3.891,659	Cerrado e Mata Atlântica	45.880 hab.
135	Uberlândia*	31/08/1888	4.115,206	Cerrado e Mata Atlântica	604.013 hab.
136	Patos de Minas*	29/02/1868	3.189,771	Cerrado	138.710 hab.
137	Campina Verde	17/12/1938	3.650,749	Cerrado e Mata Atlântica	19.324 hab.
138	<i>Belo Horizonte</i>	12/12/1897	331,401	Cerrado e Mata Atlântica	2.375.151 hab.
139	Ipatinga	29/04/1964	164,884	Mata Atlântica	239.468 hab.
140	Passos	14/05/1858	1.338,070	Cerrado e Mata Atlântica	106.290 hab.
141	Formiga	06/06/1858	1.501,915	Cerrado e Mata Atlântica	65.128 hab.
142	Ouro Preto	08/07/1711	1.245,865	Mata Atlântica	70.281 hab.
143	Viçosa	30/09/1871	299,418	Mata Atlântica	72.220 hab.
144	Lavras	13/10/1831	564,744	Mata Atlântica	92.200 hab.
145	São João Del Rei	08/12/1713	1.451,640	Mata Atlântica	84.469 hab.
146	Muriaé	16/05/1855	841,693	Mata Atlântica	100.765 hab.
147	Poços de Caldas	06/11/1872	547,059	Mata Atlântica	152.435 hab.
148	Juiz de Fora	31/05/1850	1.435,664	Mata Atlântica	516.247 hab.
149	Itajubá	19/03/1819	294,835	Mata Atlântica	90.658 hab.

* localidades estudadas por Ribeiro (2012)

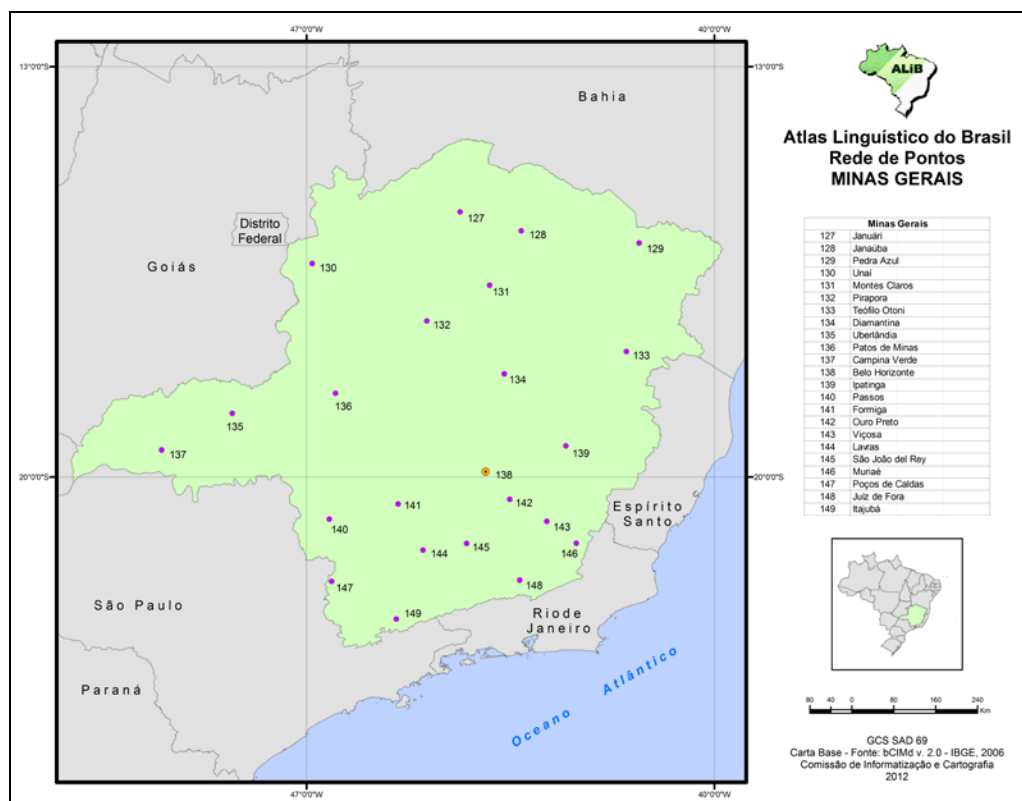
Quadro 01 – Localidades analisadas com dados de Fundação

Fonte: IBGE – elaborado pela autora.

Possivelmente a região onde se encontra atualmente Minas Gerais já era habitada por povos indígenas, mas sua ocupação só aconteceu, de fato, no século XVII, pela ação dos bandeirantes paulistas à caça de índios e minérios. Tendo em vista os séculos de instalação das localidades de Minas Gerais, podemos perceber da análise dos dados das localidades estudadas, por meio do Quadro 01, que Ouro Preto foi uma das primeiras regiões a ser instalada, sendo está no século XVIII (08 de setembro de 1711), seguida de São João Del Rei em 08 de dezembro de 1713. Já o último município a ser foi Ipatinga em 29 de abril 1964.

O levantamento de dados para o estudo de Minas Gerais incluiu o recorte já descrito por Ribeiro (2012) para as localidades de: *Januária, Janaúba, Pedra Azul, Unaí, Montes Claros, Pirapora, Teófilo Otoni, Diamantina, Uberlândia e Patos de Minas.*

Podemos observar a Rede de Pontos adotada para a pesquisa por meio da Carta 01, que a seguir apresentamos.



Carta 01 – Rede de pontos do Projeto ALiB – Minas Gerais
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB

A seleção dos informantes depende do objetivo que se vise alcançar com a investigação, assim, pode-se orientar os critérios que melhor satisfarão a pesquisa a

ser desenvolvida. Para nossos estudos dialetais, em questão, temos claramente delineado o perfil do informante que precisamos para fazer a recolha dos dados, assim eles devem ter as seguintes características:

[...] naturalidade, com precisão do local de nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílios e período de permanência em cada um delas; viagens efetuadas e duração de cada uma delas; naturalidade dos pais e do cônjuge; profissão dos pais e do cônjuge; outras atividades que desempenha; estado civil; número e idade de filhos. A estes se acrescentam outros que, pela natureza da área, precisam ser mantidos sob controle, como os que passam a exigir regiões marcadas pelo contato linguístico e pela existência de grupos bilíngues. (FERREIRA e CARDOSO 1994, p. 27).

Não se deve deixar de considerar características socioculturais: “focalizar-se o conjunto de diferenças socioculturais para que, ao definirem-se as peculiaridades regionais, manterem-se sob controle as diferenças estráticas, etárias e de sexo” (FERREIRA e CARDOSO 1994, p. 28). Dessa forma, foram investigados noventa e seis informantes (quatro por localidade do interior e oito por capital) e estão estratificados por:

- a) faixa etária: consideram-se duas faixas etárias (a faixa I agrega informantes cuja idade se encontra entre 18 e 30 anos, ao passo que a faixa II incorpora sujeitos entre 50 e 65 anos);
- b) sexo: consideram-se homens e mulheres, em igual número;
- c) escolaridade: consideram-se dois níveis de escolaridade (há indivíduos de nível universitário, somente para a capital, e indivíduos de nível fundamental incompleto, interior e capital).

A recolha dos dados das pesquisas dialetais se faz mediante a aplicação de Questionário e este será elaborado de acordo com a pesquisa a ser desenvolvida e aos objetivos que ela visa alcançar. Através dele, podemos observar os aspectos regionais e nomes referentes às designações de produtos na área estudada, como afirmam Ferreira e Cardoso, “[...] o questionário precisará ser amplo e abrangente, tocando nas diferentes áreas semânticas que informam o mundo bio-social” (1994, p. 30).

A coleta de dados para o ALiB foi feita por meio da aplicação do questionário, elaborado pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001). Este se organiza pelo tipo

do dado a ser recolhido e pode ser: *Fonético-Fonológico* (QFF), *Semântico-Lexical* (QSL), *Morfossintático* (QMS), os *Temas Para Discursos Semidirigidos* e as *Perguntas Metalinguísticas*. Os dois primeiros consistem em perguntas formuladas indiretamente, dirigidas a respostas específicas, enquanto os outros permitem que o informante se expresse com relação a fatos da sua vida pessoal.

Para esse estudo, os dados foram extraídos do QSL no que se refere às perguntas 156, 157, 158, 159 e 167, correspondentes à parte do questionário lexical dos jogos e diversões infantis, através dele podemos observar os aspectos regionais e nomes referentes às designações para os brinquedos *gude*, *estilingue*, *pipa*, *pipa sem varetas* e *amarelinha*. A seguir, detalhamos os principais itens (questões) que serão observados durante o levantamento de dados.

Nº da pergunta	Formulação da pergunta
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho? (Mostrar gravura).
158	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	E um brinquedo parecido com o ____ (cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
167	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha(mímica) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Quadro 02 – Formulação das perguntas dos jogos e diversões infantis a serem investigadas
Fonte: COMITÊ NACIONAL..., p. 34-35.

Realizamos a pesquisa em dicionários de língua portuguesa das formas identificadas nos inquéritos. A finalidade da pesquisa lexicográfica foi a de conhecer as formas lexicais registradas para cada brinquedo ou brincadeira. Dessa forma, A adoção de dicionários recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) teve como objetivo ampliar a pesquisa já empreendida por Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016) que estudaram dicionários de língua com as seguintes perspectivas:(i) Ribeiro (2012) estudou quatro dicionários contemporâneos de língua portuguesa e o dicionário de Folclore de Câmara Cascudo; (ii) Portilho (2013) trouxe estudo em seis dicionários etimológicos e (iii) Santos (2016) apresentou a pesquisa em quatro dicionários também previstos no PNLD.

Pensando na natureza adquirida pela Língua Portuguesa em solo brasileiro, bem como algumas falas e expressões peculiares de cada indivíduo e/ou grupo social que podemos encontrar em Minas Gerais, fomos verificar nos dicionários de língua portuguesa, indicados pelo PNLD, para os alunos do 1º ano ao 3º ano do ensino médio, se as formas lexicais identificadas na pesquisa são documentadas nessas obras. Assim, esse trabalho ajudará a vislumbrar como estão sendo vistos os indivíduos, bem como suas identidades, marcados pelo uso de certos elementos linguísticos.

Os dicionários adotados para a pesquisa são: BORBA (2002), GEISER, (2011), HOUAISS (2009), SACCONI (2009), QUADROS e ROSA (2005). Exceto o dicionário Houaiss (2009), que foi analisado no intuito de conhecer a definição da brincadeira ou brinquedo infantil, todos os outros dicionários consultados, foram indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para os alunos do ensino médio.

Afinal, o PNLD pode constituir-se num elemento para a ampliação do capital cultural dos alunos, além de relevante recurso didático no trabalho pedagógico dos professores. Propomos, mediante análise em pauta da realidade linguística brasileira, que as lexias regionalistas sejam revistas e atualizadas nas obras lexicográficas e que o PNLD distribua livros didáticos e dicionários a todos os alunos da educação do ensino médio que contenham o registro da variação dialetal.

Complementamos a nossa metodologia com a cartografia das lexias encontradas em toda a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para o estado de Minas Gerais, visto que se trata de um trabalho cuja base prioritária é a fotografia diatópica. Dessa forma, fizemos a exposição por meio de cartas linguísticas, de modo que possamos visualizar as variantes coletadas, para que se possa documentar e registrar as formas lexicais de modo mais eficaz.

Utilizamos como critério de ordem da legenda da cartografia a ordem das formas lexicais de maior ocorrência para menor ocorrência. Havendo formas com mesmo percentual, optamos por uma ordem alfabética das formas com iguais percentuais de ocorrências.

A carta-base foi fornecida pela professora Ana Regina Torres Ferreira Teles, membro da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB. A análise linguística e a composição da cartografia temática foram elaboradas pela autora, Eliana Souza D'Anunciação. Incentivada pela disciplina Introdução aos Estudos

Dialetais (LET C12), juntamente com os relatórios parciais e finais elaborados para fazer a exposição de todo trabalho desenvolvido pela bolsa de iniciação científica (PIBIC/CNPq), arriscamos neste trabalho de conclusão de curso espelhar os ensinamentos apreendidos na graduação e na pesquisa no ALiB.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Aqui será apresentada a análise dos dados fundamentada nas respostas coletadas com a aplicação das cinco perguntas do Questionário Semântico Lexical (QSL) jogos e diversões infantis. Os resultados são apresentados por conjunto de formas lexicais e nomeados, por item, a partir da lexia de maior ocorrência em todas as localidades.



*Como se chamam as coisinhas
redondas de vidro com que os
meninos gostam de brincar?*

4.1 BOLINHA DE GUDE³

Esse objeto é muito conhecido na região mineira. Quando os informantes são indagados sobre “como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p.34), eles apresentaram algumas lexias para designar o objeto:

(01) INF.- **Biloca e gude.**

INQ.- Qual que é o mais comum?

INF.- Aqui é **biloca**. Lá nos oto (outros) lugá é **gude**. Mas quando eu era criança eu falava **biloca**.

Inq. 137/03 (Campina Verde - MG)

Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

(02) INF.- **Bolinha de gude.**

INQ.- Já ouviu outro nome?

INF.- **Bolinha de vidro**

Inq. 138/04 (Belo Horizonte - MG)

Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

(03) INF.- **Bolinha de gude.**

INQ.- Já ouviu outro nome?

INF.- **Bolinha de crique.**

INQ.- Qual é mais comum?

INF.- Na época era **bolinha de crique**, depois quando foi ficando evoluído, tornou-se **bolinha de gude**.

Inq. 144/03 (Lavras- MG)

Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

Para o dicionário da língua portuguesa Houaiss (2009), a definição é dada ao jogo infantil *gude* como regionalismo brasileiro. Conforme o referido dicionário, *gude* trata-se de “jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial”. É importante ressaltar que ainda há uma entrada ressaltando que o nome desse jogo também pode ser pautado na figura de linguagem metonímia: *bolinha* (de *gude*). Assim teremos uma substituição de uma palavra por outra, quando entre ambas existe uma relação de proximidade de

³ Crianças brincando com gudes.

disponível em: < <http://www.oocities.org/bourbonstreet/4008/cancionesnarvaja.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2016

sentidos que permite essa troca, ou seja, uma parte pelo todo, no caso bolinha seria uma parte do brinquedo.

A resposta mais frequente para a pergunta 156 (QSL) foi *bolinha de gude*, com 63,6% das ocorrências e definidora das generalizações que são feitas sobre o brinquedo. Segue de *birosca/biloca/bilosca* (16,9%), *bolinha de vidro* (5,1%) e *bolinha* (4,2%). Seguem empatadas as variantes lexicais: *boleba* e *china* com 3,4% da ocorrências cada. Além destas, *bolinha de crique* e outras denominações ocorrem com 1,7%, como se pode verificar por meio do gráfico 01:

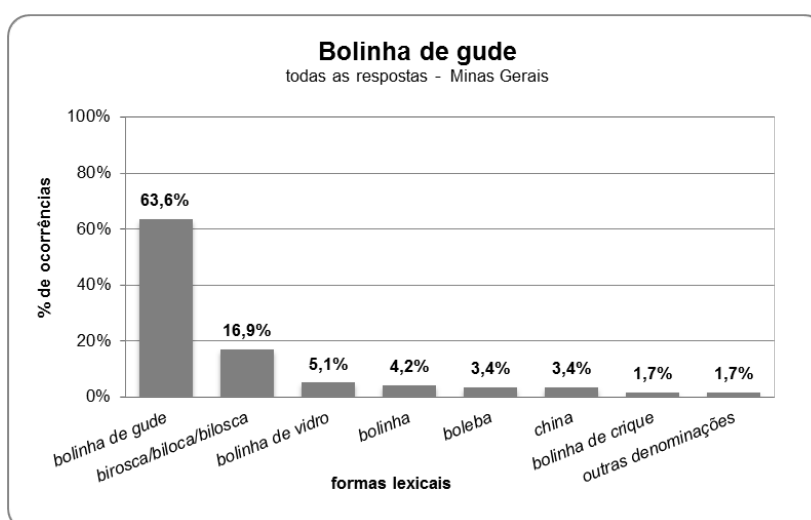


Gráfico 01– Respostas documentadas para a pergunta 156/QSL – todas as respostas – Minas Gerais

Observam-se dois fatos importantes no agrupamento lexical para designar *bola de gude*, primeiramente: que não há variações fônicas para *gude*, a diferença nos dados dos informantes se restringe a ocorrência ou não da palavra *bola/bolinha*, além disso, só houve dois registros de outras denominações sendo estas *bilisco*, na localidade de Ipatinga e *biroquê*, na localidade de Patos de Minas, conforme observaremos por meio do Quadro 03.

Agrupamentos lexicais	Itens lexicais agrupados
<i>biloca/bilosca/birosca</i>	<i>biloca; bilosca; birosca</i>
<i>bola de crique</i>	<i>bola de crique; bolinha de crique</i>
<i>bolinha de gude</i>	<i>bola de gude; bolinha de gude; gude; pedrinha de gude</i>
<i>bola de vidro</i>	<i>bola de vidro; bolinha de vidro</i>
<i>boleba</i>	<i>boleba</i>
<i>bolinha</i>	<i>bolinha</i>
<i>china</i>	<i>china</i>
<i>outras denominações</i>	<i>biroquê; bilisco</i>

Quadro 03 – Formas lexicais para a questão 156- QSL. — agrupamentos

As formas lexicais *biloca*, *bilosca*, *birosca*, *boleba*, *bolinha* e *china* não apresentaram variação e o agrupamento recebe a nomenclatura por cada forma.

Optamos por nomear o agrupamento lexical *bolinha de gude*, pois obtivemos essa lexia na maioria das respostas dos informantes de Minas Gerais com a forma descrita analiticamente, diferente de Ribeiro (2012) que nomeia seu agrupamento pela lexia *Gude*, isto foi definido, pela autora, devido à frequência de ocorrência de *Gude* no seu levantamento.

Houve apenas uma ocorrência de *pedrinha de gude*, e esta foi agrupada com *bola de gude*, de acordo com a proximidade semântica que permite esse agrupamento, como se pode ver no exemplo (04).

(04) INF.- ***Biloca***, outros fala é ***pedrinha de gude***.

Inq. 137/04 (Campina Verde - MG)
Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

No levantamento realizado nos dicionários indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - 2012), para 1º ano ao 3º ano do ensino médio, observamos que *gude* está dicionarizado (D) em todos os dicionários pesquisados. Diferentemente das formas lexicais: *bilosca*, *biroquê*, *bola de vidro*, *bola de crique* e *boleba*, estas não dicionarizadas (ND) em nenhum dos dicionários pesquisado. Já a lexia *china* nós encontramos dicionarizada com outro sentido (DCOS). Só ocorrem os registros de *bilisco* e *bolinha*, para o jogo infantil, apenas na obra de Sacconi (2009) e *biloca* só está documentada no Houaiss (2009). *Birosca* está presente em dois dicionários: Geiser (2011) e Houaiss (2009). Conforme se pode visualizar no quadro 04.

Itens Documentados	BORBA (2002)	GEISER (2011)	HOUAISS (2009)	SACCONI (2009)	QUADROS; ROSA (2005)
Bilisco	ND	ND	ND	D	ND
Biloca	ND	ND	D	ND	ND
Bilosca	ND	ND	ND	ND	ND
Birosca	DCOS	D	D	ND	ND
Biroquê	ND	ND	ND	ND	ND
Bola de gude	ND	D	D	D	ND
Bola de vidro	ND	ND	ND	ND	ND
Bola de crique	ND	ND	ND	ND	ND
Boleba	ND	ND	ND	ND	ND
Bolinha	ND	ND	ND	D	ND
China	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
Gude	D	D	D	D	D

Quadro 04 — Formas lexicais para a questão 156 – QSL – Dicionários

Ao trazer o percentual de localidades em que as lexias ocorrem e de acordo com o gráfico 02, observamos que: *bola de gude* tem um elevando percentual com 95,7%, seguindo de *birosca / biloca / bilosca* com 34,8%, *bolinha* e *bolinha de vidro*, empatadas com 17,4%. Há, novamente, um empate, dessa vez, agregado as lexias: *bilosca*, *boleba*, *bolinha de crique* e *china* com 4,3%. Outras denominações correspondem a 8,7%.

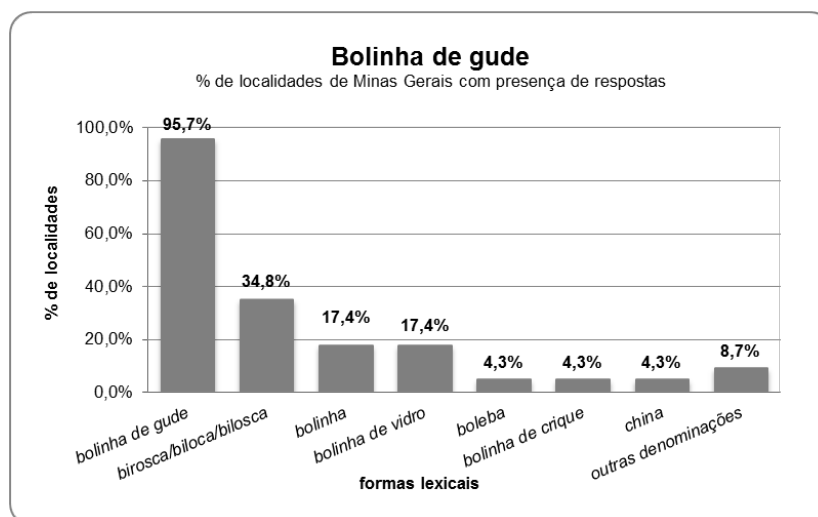
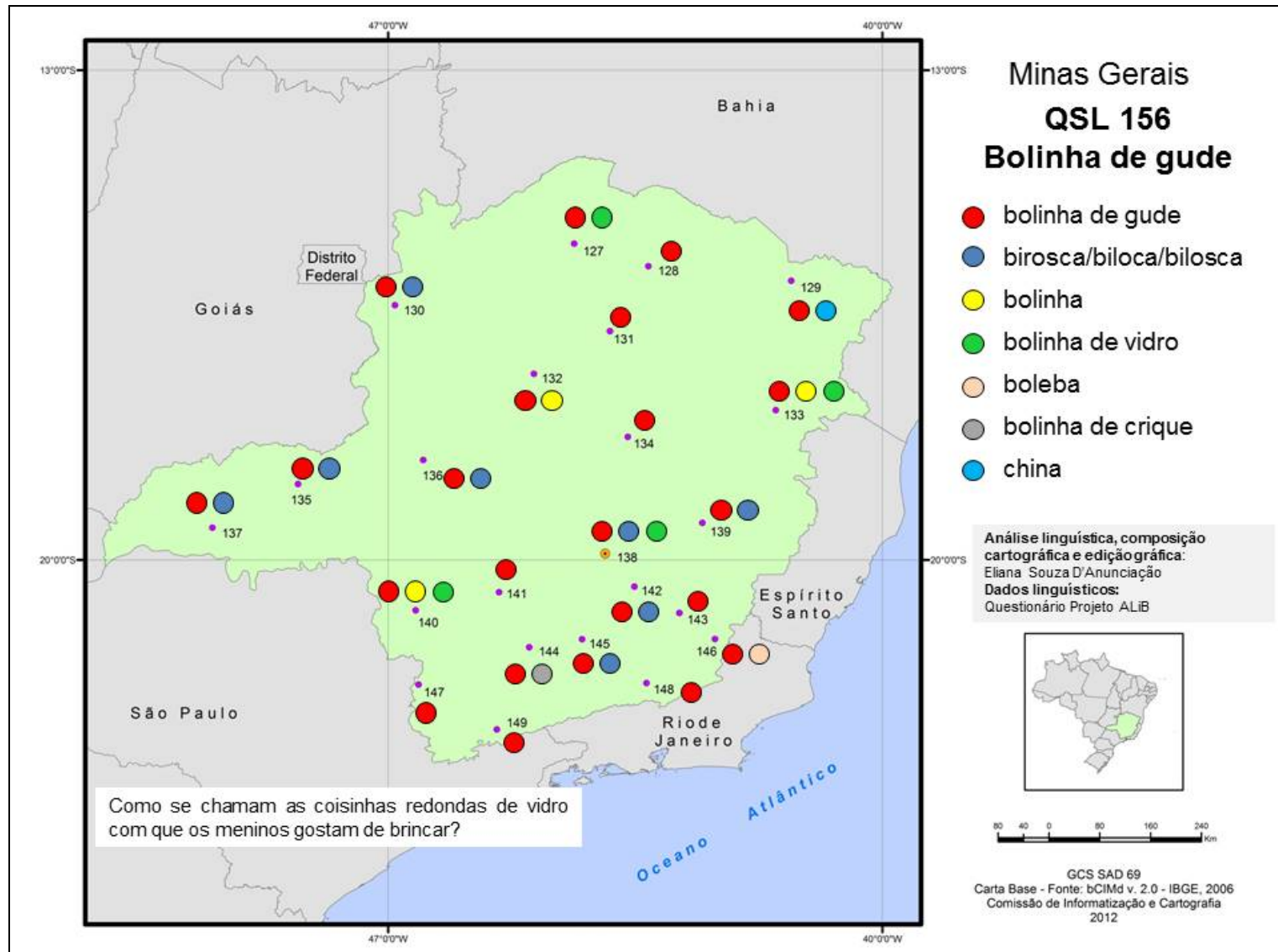


Gráfico 02 – *Bolinha de gude* – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais

Podemos registrar a cartografia para esses dados, por meio das seguintes cartas linguísticas (cf. Cartas 02 e 03).

Carta 02 – QSL 156 – *Bolinha de gude*

Podemos visualizar, na fotografia diatópica apresentada por meio das cartas linguísticas 02 e 03, a demonstração dos dados obtidos em Minas Gerais para as formas lexicais oriundas do conceito: *bola de gude*. De acordo com a análise dos dados empreendida, percebemos que: (i) *bolinha de gude* é registrada em todo o estado de Minas Gerais; (ii) *boleba*, *bolinha de crique* e *china* só ocorrem cada uma em uma localidade, são elas: Muriaé (146), Viçosa (143) e Pedra Azul (129), respectivamente; (iii) *bolinha* ocorre em três localidades: nas localidades de Pirapora (132), Teófilo Otoni (133) e Ouro Preto (142) e (iv) *bola de vidro* é registrada em três localidades, são elas: Teófilo Otoni (133), Belo horizonte (138) e Passos(140).

Chama atenção a junção de *birosca/biloca/bilosca* que ocupa a parte central do estado e é comum em todo o Triângulo Mineiro, como podemos visualizar na Carta 03 – denominada *birosca/biloca/bilosca (detalhamento do agrupamento)*. Propomos esta carta, no intuito de demonstrar onde ocorre cada forma lexical, assim no Triângulo Mineiro só ocorre *birosca*, entretanto na parte central que se aproxima do Espírito Santo e Rio de Janeiro há ocorrência de *bilosca*, além dessas duas formas lexicais, registramos apenas em uma localidade *birosca* alternando-se com *bilosca*, registrado no ponto 139 (Ipatinga).

Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?



4.2 ESTILINGUE⁴

Como se chama o brinquedo feito com uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho? Mostrar figura. (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 34).

- (05) INF. – Fala **atiradeira**, fala também **estilingue**.
Inq. 143/02 (Viçosa - MG)
Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.
- (06) INF. – **Estilingue, bodoque**.
INQ. – Qual que é mais comum aqui?
INF. – **Bodoque**.
Inq. 138/04 (Belo Horizonte - MG)
Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.
- (07) INF. – **Bodoque, estilingue**.
INQ. – Qual é o mais comum aqui?
INF. – **Bodoque**.
Inq. 145/01 (São João Del Rei - MG)
Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.
- (08) INF.– Eu conheço por **estilingue**. Tem, tem muita gente que fala **bodoque**, mas aqui na região eu conheço por **estilingue**.
Inq. 147/01 (Poços de Caldas - MG)
Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Por meio de alguns dos exemplos anteriormente mostrados que representam a fala dos informantes, podemos perceber, nas falas extraídas dos inquiridos de Minas Gerais, uma afirmação do conhecimento desse brinquedo, como se verifica no exemplo (05). Com base nos exemplos 06, 07 e 08, afirmamos que há diversas formas, em Minas Gerais, para nomear o brinquedo em análise. Outro fato que se destaca é a predominância da forma *estilingue*, que sempre aparece em co-ocorrência com outras formas.

Nos exemplos 06 e 07, notamos a convivência das formas *estilingue* e *bodoque*, tipo uma competição entre as formas.

Além disso, verificamos em (08) que o falante reconhece as diversas formas para nomear o brinquedo, mas ele ressalta que naquela região (Poços de Caldas), ele conhece o brinquedo como *estilingue*, apesar de algumas regiões conhecerem por *bodoque*.

⁴ESTILINGUE.

Disponível em: <<http://lexicoon.org/es/tirachinas>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

Ao consultar o dicionário Houaiss (2009), constatamos a definição de *estilingue* como uma “Arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros; atiradeira, bodoque” (Houaiss, 2009). Além desse significado, ele deixa ainda explícito que essa palavra é um regionalismo do Brasil.

Para a questão 157 do QSL, o total de respostas foi de 127 ocorrências, das quais 96,8% são respostas válidas (123 ocorrências) e 3,2% correspondem às não obtidas (04 ocorrências, sendo que três delas são de NO e uma de NS).

As lexias obtidas na amostra foram: *atiradeira*, *bodoque*, *estilingue*, *seta* e *outras denominações*, conforme podem ser vistas do Gráfico 03.

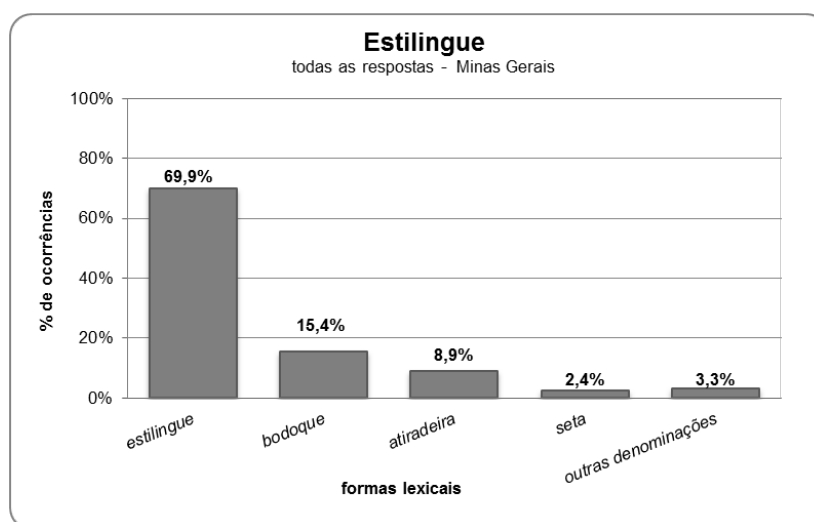


Gráfico 03 – Respostas documentadas para a pergunta 157/QSL – todas as respostas – Minas Gerais

Os dados analisados demonstram a ocorrência de quatro lexias, a saber: *estilingue* (69,9%), *bodoque* (15,4%), *atiradeira* (8,9%) e *seta* (2,4%), conforme vislumbra-se no Gráfico 03. Ainda, percebemos que *estilingue* é a forma predominante em Minas Gerais, embora, no estado, apareçam outras opções lexicais à disposição dos informantes.

Os critérios para os agrupamentos seguiram o mesmo parâmetro utilizado por Ribeiro (2012), a saber: neutralização das variantes fônicas, o alteamento da vogal inicial (*estilingue* ~ *istilingue*) ou aféreses (*atiradeira* ~ *tiradeira*), por exemplo. O anteriormente exposto está descrito no Quadro 05 - Agrupamentos.

Agrupamentos lexicais	Formas lexicais agrupadas
Atiradeira	<i>atiradeira; tiradêra; atiradêra;</i>
Bodogue	<i>bodoque; badoque; budogue;</i>
Estilingue	<i>estilingue; istilingo; istilinga; istilingue;</i>
Seta	<i>seta; setra;</i>
outras denominações	<i>barrote; estilete; pilota; gancho;</i>

Quadro 05 — Formas lexicais para a questão 157 – QSL – agrupamentos

Verificamos 11 casos de *atiradeira* e variantes fônicas que reunimos no agrupamento *atiradeira*, sendo seis com a presença da vogal tônica inicial "a" e 5 sem "a" (aférese), como podemos observar nos exemplos que seguem:

- (09) INF. – **Tiradeira**, aqui, mas hoje, **tiradeira** é dos tempos passados, hoje é **estilingue**.
 INQ.- Mas se perguntar para a maioria das pessoas vão falar qual?
 INF.- Eles podem falar, a maioria, **tiradeira**.

Inq. 146/03 (Muriaé - MG)

Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

Registramos 18 ocorrências de *bodoque* e variantes que figuram no agrupamento *bodoque*, sendo 15 de *bodoque /ó/ - /k/*, dois de *badoque /a/ - /k/*, e apenas um caso de *budogue /u/ - /k/*.

Assim, o agrupamento lexical foi nomeado como *bodoque*, tendo em vista o alto grau de *bodoque* na amostra. Diferente do estudo de Ribeiro (2012), que documentou maior número de ocorrências de *badoque* e assim nomeou o agrupamento em seu trabalho, no caso de Minas Gerais, constatamos uma área de *bodoque*, como veremos na carta 04.

No trabalho de Ribeiro (2012), podemos encontrar uma carta fonética que separa as lexias documentadas pelos informantes a respeito da diversidade para a lexia *badoque*. Aqui, também, se registra uma carta linguística para as ocorrências de *bodoque*, *badoque* e *budogue*.

Verificamos que quatro denominações só foram documentadas apenas uma única vez e em localidades distintas, conforme constatamos nos exemplos (10), (11), (12) e (13), respectivamente. Tais formas foram agrupadas em outras denominações.

- (10) INF. – **Estilingue**.
 INQ. – Tem outro nome?
 INF. – **Pilota**.
 INQ. – [...] Os meninos vão fazer diz que **estilingue** ou **pilota**...
 INF. – Usa mais é estilingue.
 INQ. – Usa mais **estilingue**, mas você já ouviu **pilota**?
 INF. – Hã, hã.
 Inq. 127/02 (Januária - MG)
 Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.
- (11) INF. – **Estilingue**
 INQ. – Tem outro nome?
 INF. – **Barrote e estilingue**
 Inq. 140/01 (Passos - MG)
 Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.
- (12) INF. – **Estilingue**
 INQ. – Estilingue?
 INF. – **Ganchim** ou **estilingue**.
 INQ. – Tem diferença?
 INF. – Não é a mesma coisa.
 Inq. 141/01 (Formiga - MG)
 Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.
- (13) INF.- **tiradeira** e esti... estile... **estilete**.
 Inq. 146/04 (Muriaé - MG)
 Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

É importante ressaltar que podemos notar o registro da forma *estilingue* em todas as localidades do estado de Minas Gerais.

Encontramos, ainda, nas falas documentadas, a forma *seta*, outra opção que os mineiros possuem para nomear o brinquedo ora analisado e descrito nesta seção.

- (14) INF.- **Estilingue**
 INQ.- Tem outro nome?
 INF.- **Seta**
 Inq. 139/01 (Ipatinga - MG)
 Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Na tentativa de relacionar as variantes encontradas nas falas dos informantes e o que trazem os dicionários, o Quadro 06 apresenta uma breve visão do que podemos apurar na consulta aos dicionários de língua portuguesa destinados ao público do 1º ao 3º ano do ensino médio, como previsto no PNLD (2012) e explicitado no capítulo da metodologia.

Itens Documentados	BORBA (2002)	GEISER (2011)	HOUAISS (2009)	SACCONI (2009)	QUADROS; ROSA (2005)
<i>Atiradeira</i>	ND	D	D	D	D
<i>Badoque</i>	ND	D	D	ND	ND
<i>Bodoque</i>	D	D	D	D	D
<i>Budoque</i>	ND	ND	ND	ND	ND
<i>Barrote</i>	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
<i>Estilete</i>	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
<i>Estilingue</i>	D	D	D	D	D
<i>Gancho</i>	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
<i>Pilota</i>	ND	ND	DCOS	ND	ND
<i>Seta</i>	ND	DCOS	D	DCOS	D

Quadro 06 — Formas lexicais para a questão 157 – QSL – Dicionários

Como é possível perceber, pelo Quadro 06, *bodoque* e *estilingue* são vocábulos dicionarizados em todas as obras consultadas. Entretanto, as variantes *barrote*, *estilete* e *gancho* não foram dicionarizadas com o campo semântico destinado para brinquedo em nenhum dos dicionários consultados. A forma *atiradeira* só não foi registrada em BORBA (2002). Não há registros para a lexia *budoque*.

Visando a cartografia dos dados, ao observarmos o Gráfico 04, que trata do percentual de localidades em que as lexias ocorrem, verificamos que *estilingue* ocorre com 100% de presença, ou seja, está em 23 localidades mineiras estudadas.

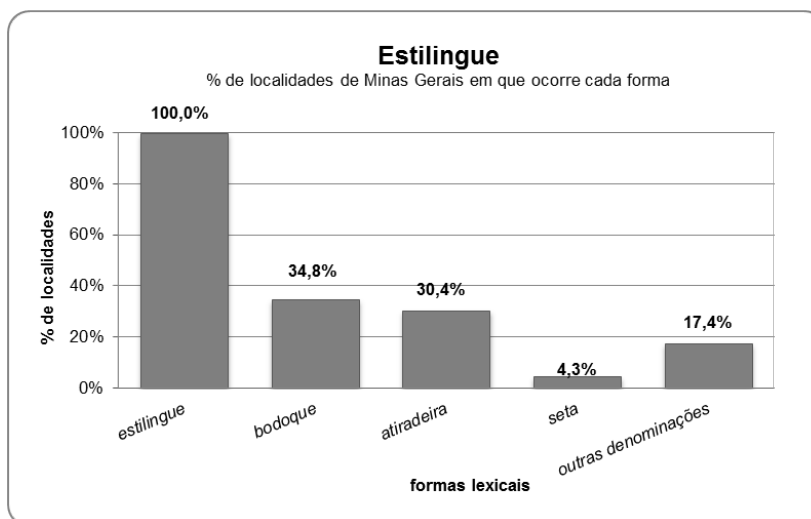
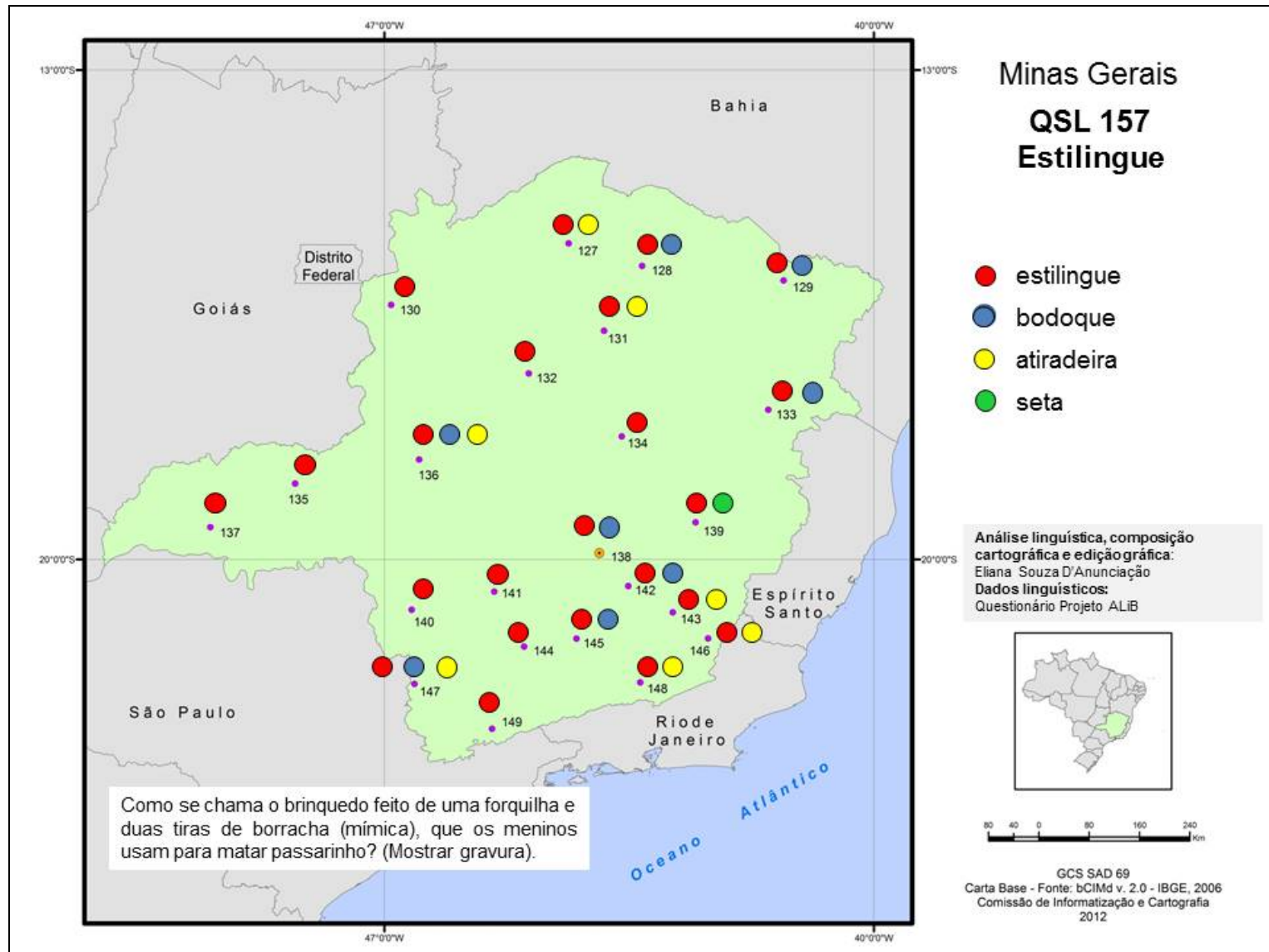


Gráfico 04 – *Estilingue* – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais

A forma *bodoque* é a segunda com maior frequência em localidades de MG, está documentada em oito localidades (34,8%), *atiradeira* em seis (30,4%), por fim, há um pequeno percentual para *seta* (4,3%), uma localidade - Ipatinga, como visualizaremos nas cartas que a seguir serão apresentadas (Cartas 04 e 05).

Carta 04 – QSL 157 – *Estilingue*

Tomando por base o levantamento de dados realizado por localidade, elaboramos as Cartas 04 e 05, anteriormente vistas que contêm informações linguísticas para a distribuição espacial da forma *estilingue* para a pergunta 157 do QSL.

Como pode ser visto na fotografia diatópica apresentada, a demonstração dos dados obtidos em Minas Gerais para as formas lexicais oriundas do conceito: *Estilingue* em Minas Gerais, e, de acordo com a análise dos dados empreendida, percebemos que: (i) *estilingue* está presente em toda a área geográfica estudada; (ii) *bodoque* é a segunda lexia de maior ocorrência na área, e (iii) há poucas ocorrências de *seta* na região pesquisada. A lexia está presente apenas no ponto 139. Ipatinga com três ocorrências.



Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

4.3 PIPA⁵

Encontramos inúmeras lexias conhecidas para nomear um brinquedo tão utilizado em todo território brasileiro, inclusive em Minas, principalmente pelos meninos que normalmente são os que mais utilizam o brinquedo feito de varetas e que se empina no vento. Conforme Ribeiro:

Originada há mais de 2 mil anos na China, a pipa foi trazida para o Brasil pelo colonizador português. As pipas são “construídas” de diversos modelos, cores e tamanhos, costumam aparecer nos céus do país nos meses de inverno, quando há vento intenso, e os artefatos podem livremente voar pelos céus, sob a regência dos meninos de todas as idades. (2012, p. 51)

Assim, apesar de ser um brinquedo muito utilizado pelas crianças brasileiras, *pipa* é de origem chinesa, que ganhou a fama por suas diversas formas e tamanho, permitindo uma grande diversidade de confecção desse brinquedo.

Recortamos alguns trechos do levantamento de dados realizado em Minas Gerais para nomear esse brinquedo, como podemos observar nos exemplos (15), (16) e (17):

- (15) INF.- **Papagaio**.
 INQ.- Já ouviu outro nome?
 INF.- **Pipa**.
 INQ.- Qual é o mais comum?
 INF.- Hoje se fala **pipa**, mas antigamente falava **papagaio**.

Inq. 141/04 (Formiga - MG)

Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

- (16) INF.- **Pipa**.
 INQ.- Isso. Tem outro nome?
 INF.- **Papagaio**.
 INQ.- Qual que é mais comum?
 INF.- **Pipa**.
 INQ.- Por quê que você falou papagaio?
 INF.- Ah, porque muitas das vez os minino fala assim: “ah, vamo soltá **papagaio** ali.”
 INQ.- E é igual?
 INF.- É.

Inq. 137/01 (Campina Verde - MG)

Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

⁵ Pipa.

- (17) INF.- Aqui seria o mais comum **papagaio**
 INQ.- E tem outro nome?
 INF.- O nome comum para a maioria do país seria **pipa**.
 INQ.- Mas aqui é...
 INF.- Aqui o comum é **papagaio**

Inq. 139/01 (Campina Verde - MG)

Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Podemos observar nos exemplos (15), (16) e (17), os informantes demonstram um conhecimento que em outros lugares esse brinquedo pode ser nomeado por outro substantivo, mas que em Minas, nas localidades de Formiga e Campina Verde, respectivamente, as lexias existente são: *papagaio* e *pipa*.

Ao consultarmos o dicionário da língua portuguesa Houaiss (2009), teremos uma denominação de *pipa* (rubrica ludologia), ou seja, o conceito desse brinquedo infantil está descrito no verbete *papagaio*. Nessa entrada, consta que *papagaio* é um “brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, e que se empina no ar por meio de uma linha; *arraia*, *cafifa*, *pandorga*, *pipa*, *raia*”. Observamos que essa definição já aborda outras variantes para nomear esse brinquedo, inclusive *arraia* e *raia* que são duas lexias que também foram encontradas nas localidades de Minas Gerais.

Após o levantamento, passamos para análise dos dados quantitativos. Estes revelam que: *pipa* tem uma predominância elevada com 47,5%, em seguida, temos as lexias *papagaio* (38,5%), *raia* (8,4%), *chupão* e *jaú*, que seguem com o mesmo percentual de ocorrência (1,7%) e outras denominações (2,2%) (cf. Gráfico 05).

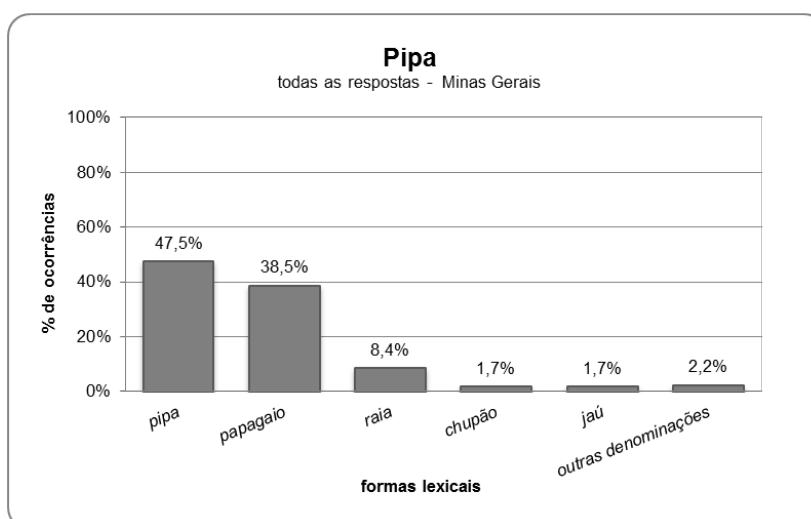


Gráfico 05 – Respostas documentadas para a pergunta 158/QSL – todas as respostas – Minas Gerais

Como já abordamos, são diversas lexias nas quais os informantes retratam as variantes para *pipa*, no Quadro 07, podem-se verificar os agrupamentos lexicais realizados para esta lexia:

Agrupamentos lexicais	formas lexicais agrupados
Chupão	chupão
Jaú	jaú
Papagaio	papagaio;
Pipa	pipa; pipa de seda
Raia	Arraia; <i>raia</i>
outras denominações	Arara; bandeja; cartola; pião.

Quadro 07 — Formas lexicais para a questão 158 – QSL – agrupamentos

Podemos perceber esse fenômeno no agrupamento da lexia “arraia”, temos um registro de aférese, este ocorre quando há a supressão de um segmento fônico no início de vocábulo, tendo *arraia* > *raia*. Porém, como já visto, a pesquisa nos dicionários podemos verificar que temos *arraia* e *raia* como possibilidades de lexias para nomear o brinquedo de varetas que se empina no vento.

Verificamos 13 casos de *raia* e apenas 2 de *arraia* (estes registrados apenas em Janaúba e Pedra Azul), tendo em sua totalidade 15 ocorrências. O agrupamento lexical foi nomeado como *raia*, tendo em vista o alto grau de *raia* na amostra. Diferente do estudo de Ribeiro (2012), que documentou maior número de ocorrências de *arraia*.

A variante *chupão* foi documentada três vezes em apenas duas localidades: Formiga e Lavras.

Há ocorrência ainda de um “leque” em outras denominações, sendo *estas: arara, bandeja, cartola e pião*. É válido salientar que tais respostas são consideradas como válidas, pois o inquiridor sondou o dado do informante, no intuito de validar as respostas, estas lexias encontram-se validadas, pois são tidas pelos informantes para designar “o brinquedo de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha”. Conforme o exemplo (18):

- (18) INF. – *Pipa*
 INQ. – Empina no vento?
 INF. – ***Pipa***.
 INQ. – Mesmo que seja de desenhos diferentes, igual a esse aqui?
 INF. – Não, tem nome! esse aqui... tem um ***pião*** e tem uma ***raia***.
 INQ. – Pronto, então... tudo que empina... para você é?

INF. – É... É *pipa*.

INQ. – Se for esse quadradinho aqui da figura...

INF. – *Piãõ, piãõ*.

INQ. – E se for esse que parece um balãozinho...

INF. – Uma *raia*.

Inq. 133/01 (Teófilo Otoni - MG)

Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Observa-se que, quando o informante traz uma resposta nova, o inquiridor sonda para saber se ele está se referindo ao mesmo brinquedo, só com essa confirmação podemos validar ou não a resposta. É o que ocorre no exemplo (18).

Sobre o levantamento realizado nos dicionários, percebemos que as lexias *pipa* e *papagaio* foram registradas em todas as obras pesquisadas, diferentemente de *bandeja*, *cartola*, *chupão*, *jaú*, *piãõ* e *pipa de seda* que não foram encontradas e/ou não realizaram nenhuma relação com o brinquedo infantil com varetas e que se empina no vento. Conforme podemos analisar no Quadro 08 – formas lexicais para a questão 159:

Itens Documentados	BORBA (2002)	GEISER (2011)	HOUAISS (2009)	SACCONI (2009)	QUADROS; ROSA (2005)
Arara	DCOS	DCOS	DCOS	D	DCOS
Arraia	ND	D	D	ND	DCOS
Raia	DCOS	DCOS	D	ND	DCOS
Bandeja	DCOS	ND	ND	DCOS	ND
Cartola	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
Chupão	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
Jaú	DCOS	DCOS	DCOS	ND	DCOS
Papagaio	D	D	D	D	D
Piãõ	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
Pipa	D	D	D	D	DCOS
Pipa de seda	ND	ND	ND	ND	ND

Quadro 08 — Formas lexicais para a questão 158 – QSL – Dicionários

Arraia está dicionarizada em dois dicionários, sendo documentada no Houaiss (2009) e Geiser (2011), seguido de *arara* que só foi dicionarizada apenas em um dicionário, sendo este Sacconi (2009).

Tendo por meta a cartografia, observamos os dados de acordo com a presença em localidades, destacamos que: *pipa* e *papagaio* ocorreram em 100% das localidades. Em seguida temos as lexias: *raia* (30,4%), *chupão* (13,0%), *jaú* (4,3%) e, por fim, outras denominações (17,4%). Como se pode acompanhar no Gráfico 06.

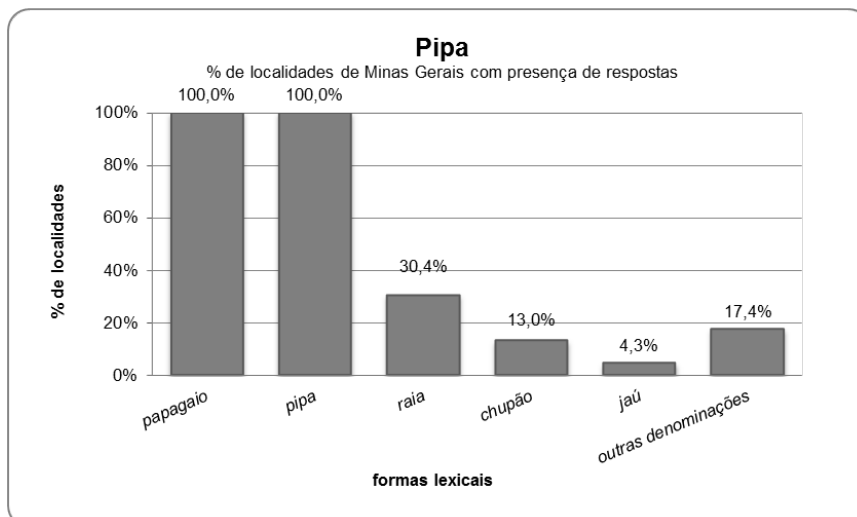
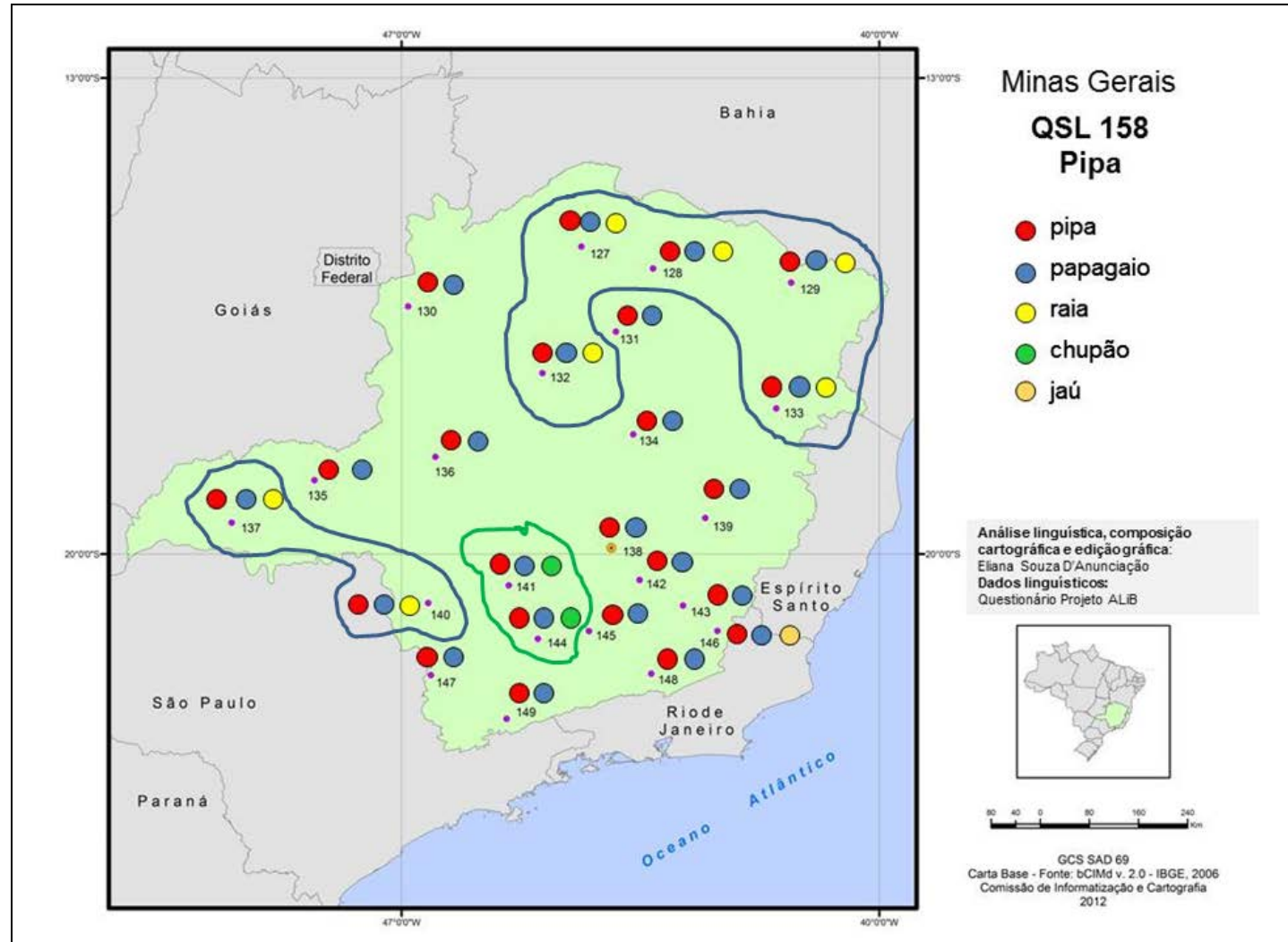


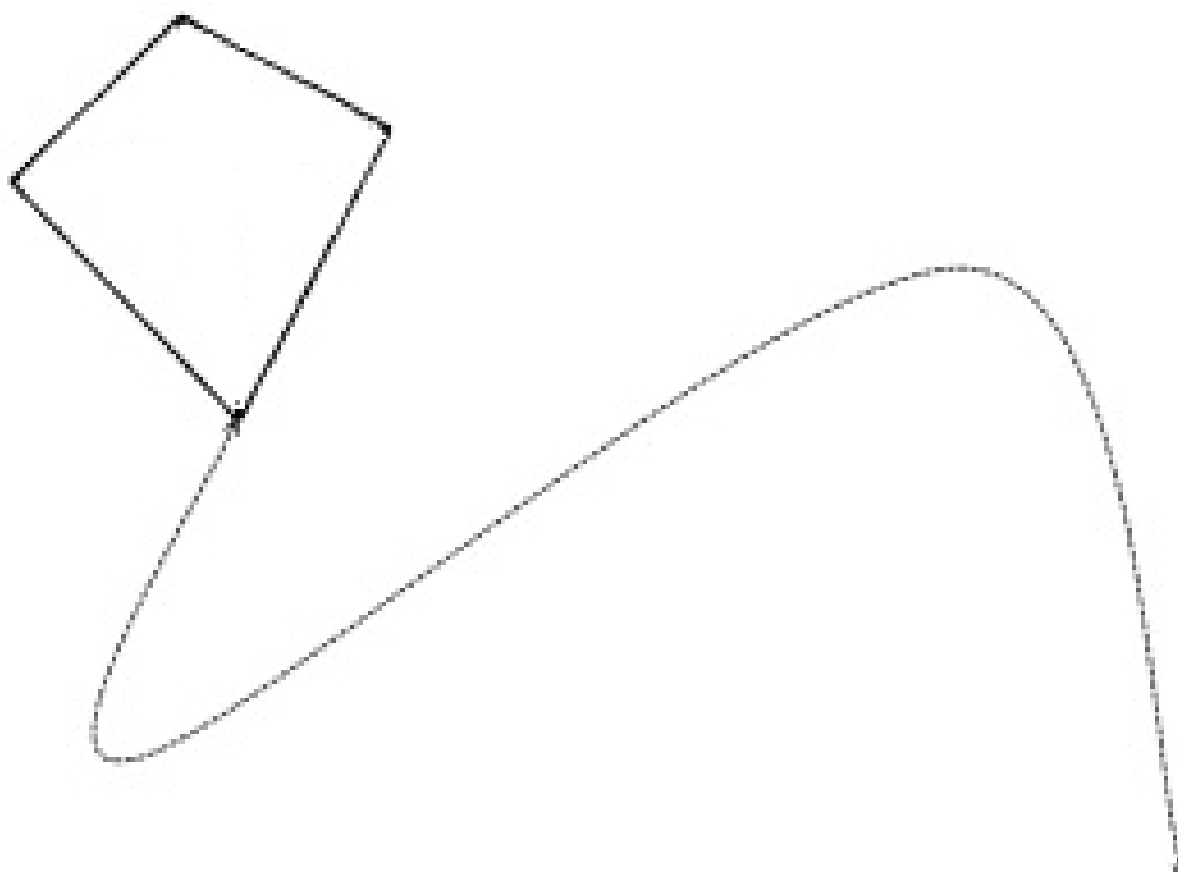
Gráfico 06 – *Pipa* – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais

Para melhor visualização dos dados temos a Carta 06, da qual destacamos: (i) *raia* está presente em sete pontos da rede ALiB, são eles: Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Pirapora (132), Teófilo Otoni (133), Campina Verde (137) e Passos (140) e (ii) só há ocorrência de *jáú* em Muriaé (146).

Na carta 07 apresentamos uma possível representação de isoglossas por meio das quais podemos verificar que: (i) nas áreas denominadas por Nascentes (1953) como *Falar Baiano* e *Falar Sulista*, observamos a ocorrência das formas lexicais: *pipa*, *papagaio* e *arraia*. As lexias também ocorreram com frequência em outras localidades de Minas Gerais, mas somente nestas áreas foram documentadas em conjunto. (ii) na área denominada por Nascentes (1953) como *Falar Mineiro*, observou-se a lexia *chupão*, documentada juntamente com *pipa* e *papagaio* em duas localidades (Formigas (141) e Lavras (144)) e que revelou uma microárea que merece ser observada futuramente em conjunto com outras lexias.



Carta 07 – QSL 158 – Pipa – Isoglossas



Como se chama o brinquedo também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

4.4 PIPA (SEM VARETAS)⁶

A pergunta 159 do QSL apresenta relação direta com a pergunta anterior (158 – QSL), e se refere a um tipo de brinquedo de empinar ao vento, que, diferentemente daquele identificado pelos informantes em resposta à pergunta 158 – QSL, apresenta-se *sem varetas*. O brinquedo é confeccionado de maneira muito simples, apenas necessitando de uma folha comum, na qual, deveremos dobrar a folha e pendurar uma linha:

- (19) INF.- Não tem como fazer o papagaio sem as vareta!
 INQ.- Por exemplo, às vezes a criança tá chorando, aí a mãe pega uma folha assim de papel...
 INF.- Ah é... **caxotinho! Caxotinho.**
 INQ.- Como que é?
 INF.- Ah... (inint) tipo assim, dobra ele assim e assim e depois amarra a linha assim, né? Que aí ele voa, aí... Cê vai dobrar a folha aqui, cê vai dobra uma vez assim, depois uma asinha aqui assim, pu'cê marrá linha né, entendeu?
 INF.- Entendi.
 INF.- Aí chama **caxotinho** (risos).

Inq. 138/01 (Belo Horizonte - MG)

Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

- (20) INF.- Oíá, sempre a gente fala que é **papagaio**, também, é a mesma coisa é.

Inq. 137/03 (Campina Verde - MG)

Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

- (21) INF.- (...) Hum, fica papagaio. É porque, **pipa e papagaio**, dá diferença, mas que se você, sem vareta, 'cê faz, 'cê faz o **papagaio**.

Inq. 137/03 (Belo Horizonte - MG)

Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

Podemos observar nos exemplos anteriores, (19), (20) e (21) que os informantes fazem associação com o item 158, *pipa*, para nomear *pipa sem varetas*. O informante da capital, Belo Horizonte, faz a descrição do brinquedo com tanta precisão, o que nos permite inferir que ele tem contato com esse brinquedo. No

⁶ Pipa sem varetas.

Disponível em Google imagens. Acesso em: 16 de nov. 2015

exemplo (20), o informante ainda afirma chamar pelo mesmo nome, mesmo que diante de um brinquedo sem a característica da vareta. Diferentemente da terceira fala, na qual o informante faz questão de dizer que se não tiver as varetas o brinquedo se chamará *papagaio*. É importante ressaltar que este é um informante idoso, nessa fala podemos observar que ele faz a distinção entre *pipa com varetas* e *pipa sem varetas*.

Dos 96 informantes apenas 77 responderam a essa questão. No que se refere ao total dos dados coletados, (cf. Gráfico 07) observamos que foram obtidas as formas lexicais: *papagaio* (37,7%), *pipa* (24,7%), *raia* (7,8%), *capuxeta* (6,5). Seguido de *caixote/caixeta*, *ratinha* e *aviãozinho*, tendo estes os mesmos percentuais de 5,2%. A lexia *arara* apresenta apenas 2,6%, e *outras denominações* estão representadas com 6,5%.

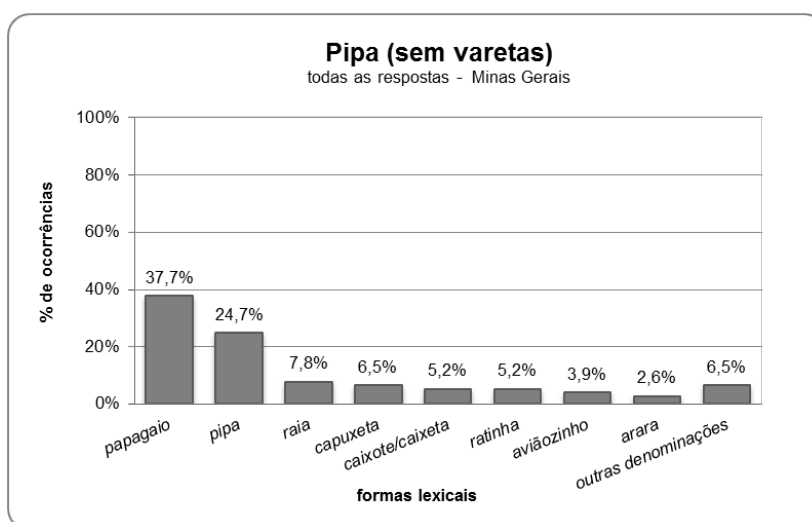


Gráfico 07 – Respostas documentadas para a pergunta 159/QSL – todas as respostas – Minas Gerais

A proposta de agrupamentos, que descrevemos a seguir, teve como base a reunião das lexias complexas e lexias simples em um mesmo grupo (por exemplo, *pipa de papel* agrupa-se a *pipa*) e a simplificação da derivação por grau (diminutivo), de duas ocorrências, como *pipinha* e *pipazinha*.

Consideramos o agrupamento no diminutivo para *aviãozinho*, pois obtivemos todas as respostas no diminutivo, o mesmo ocorreu com a variante *ratinha*. Como podemos verificar no Quadro 09:

Agrupamentos lexicais	Formas lexicais agrupadas
aviãozinho	<i>Aviãozinho;aviãozinho de papel;viãozinho</i>
arara	<i>arara</i>
caixote/caixeta	<i>caixote/caixeta; caxeta;</i>
capuxeta	<i>capuxeta</i>
papagaio	<i>Papagaio; papagainho;</i>
pipa	<i>Pipa; pipa de papel</i>
raia	<i>Raia; rainha</i>
ratinha	<i>ratinha</i>
outras denominações	<i>balão; cata-tempo; gamelão; gereco; mutuca;</i>

Quadro 09 — Formas lexicais para a questão 159 – QSL – agrupamentos

Como já dito *aviãozinho* foi agrupado, levando em consideração que todas as ocorrências, dos dados das localidades de Minas Gerais, foram denominadas no grau diminutivo do substantivo. Além disso, registramos novamente o processo de apócope *aviãozinho* > *viãozinho*. Observamos que na fala do informante de Ipatinga, exemplo (22), ele já faz uma declaração a respeito do brinquedo:

(22) INF.- seria um ***aviãozinho de papel***.

Inq. 139/01 (Ipatinga - MG)

Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Optamos por realizar o agrupamento por *papagaio*, pois registramos, apenas, dois casos de ocorrência de seu diminutivo, um em Uberlândia e outro em Patos de Minas. Além disso, verificamos que embora o informante nomeie esse brinquedo por *papagainho*, trazendo para o diminutivo, ele alterou o seu valor efetivo do sufixo de – *inho*. Assim, houve registro de diminutivos para definir as variantes justamente por ser uma *pipa* ou *papagaio* menor.

Observamos, ainda, a denominação de *ratinho*, esse adotado no agrupamento pelo seu diminutivo, pois consideramos para o nome do agrupamento o diminutivo por não ter havido a forma básica, antes de sofrer derivação por grau. Conforme podemos observar no exemplo (23).

(23) ((a propósito da pergunta 158 – PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA))

INF. – Pipa.

INQ. – Tem outro nome?

INF. – Papagaio.

INQ. – Qual que é o mais comum?

INF. – Pipa.

INQ. – E quem que fala papagaio?

INF. – É esses menino mais novo, meu filho mermo, por exemplo, eles fala.

INQ. – Fala papagaio?

INF. – É, papagaio.

INQ. – É igual? A pipa e o papagaio são iguais?

INF. – Não. Papagai... não, tem o papagai', a pipa e o ra... é , né. **Ratinha**, né. **Ratinha**, geralmente é só de papel. A pipa é cum...

INQ. – Vareta?

INF. – É, cum vareta. E cum a rabiola ainda. A **ratinha** já num tem, só o papel e a linha.

INQ. – Agora o papagaio e pipa são iguais?

INF. – Hum?

INQ. – O papagaio e a pipa são iguais?

INF. – É.

Inq. 130/02 (Unaí – MG)

Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Para esse brinquedo, registramos um número relativamente alto de outras denominações, assim, encontramos únicas ocorrências das formas lexicais: *balão* (Juiz de Fora – 148), *cata-tempo* (Muriaé – 146), *gamelão* (Passos – 140), *gereco* (Itajubá – 149) e *mutuca* (Diamantina – 134). É importante ressaltar que em Diamantina (134), apenas o informante de faixa etária 1 soube nomear esse brinquedo, os demais informantes mencionaram que não conheciam esse brinquedo (NL). Em Teófilo Otoni (133), localidade bem próxima de Diamantina, todos os quatros informantes afirmaram também não conhecer esse brinquedo.

Ao ser feito o levantamento em dicionários de língua portuguesa, a *pipa* (sem varetas) não está registrada regularmente como um tipo de *pipa*. Assim, a maioria dos dicionários não fazem a menção de como se chama o brinquedo sem varetas, mas sim o brinquedo de vareta que se empina no vento, como já analisado no capítulo anterior.

Podemos verificar que apenas três dicionários fazem essa definição do brinquedo sem varetas que se empina no vento, que são Geiser (2009), Quadro e Rosa (2005) e Sacconi (2009). Na documentação desses autores, encontramos registradas as formas lexicais: *Arraia*, *raia* e *pipa*, como se pode verificar no quadro 10:

Itens Documentados	BORBA (2002)	GEISER (2011)	HOUAISS (2009)	SACCONI (2009)	QUADROS; ROSA (2005)
arara	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
raia	DCOS	DCOS	DCOS	ND	D
avião	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
balão	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
caixete	ND	ND	ND	ND	ND
caixeta	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
cachotinho	ND	ND	ND	ND	ND
cata-tempo	ND	ND	ND	ND	ND

Itens Documentados	BORBA (2002)	GEISER (2011)	HOUAISS (2009)	SACCONI (2009)	QUADROS; ROSA (2005)
capucheta	ND	ND	ND	ND	ND
gamelão	DCOS	DCOS	DCOS	ND	ND
gereco	ND	ND	ND	ND	ND
mutuca	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
papagaio	DCOS	DCOS	DCOS	D	DCOS
pipa	DCOS	DCOS	DCOS	D	D
ratinha	ND	ND	ND	ND	ND

Quadro 10 — Formas lexicais para a questão 159 – QSL – Dicionários

Visando a cartografia, levantamos os dados por localidade e observamos que há uma diferença mínima entre *papagaio* e *pipa*, sendo que a primeira apresenta 60,% e a segunda 56,5% das ocorrências. Em seguida, temos *raia* (26,1%), seguem empatadas as variantes: *aviãozinho*, *caixote/caixeta*, *capuxeta* e *ratinha* com 13,0%. *Arara* tem 4,3% das ocorrências e *outras denominações* representam um elevado índice de ocorrências nas localidades mineiras com 21,7%. (cf. Gráfico 08).

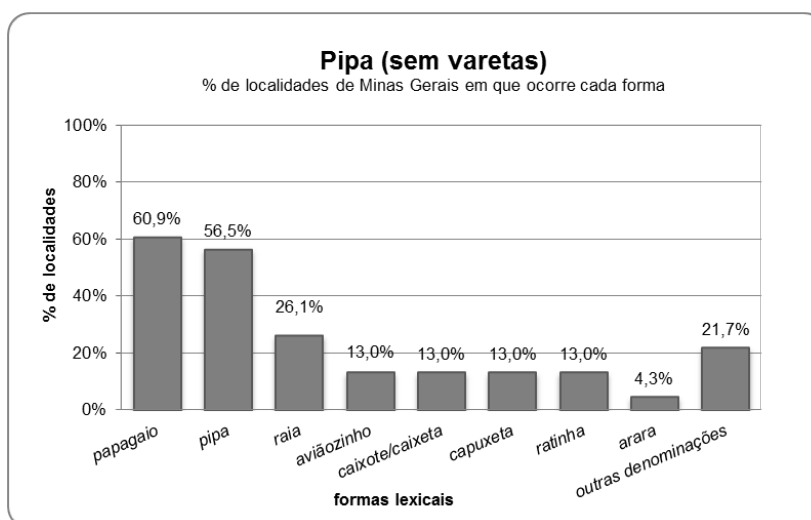
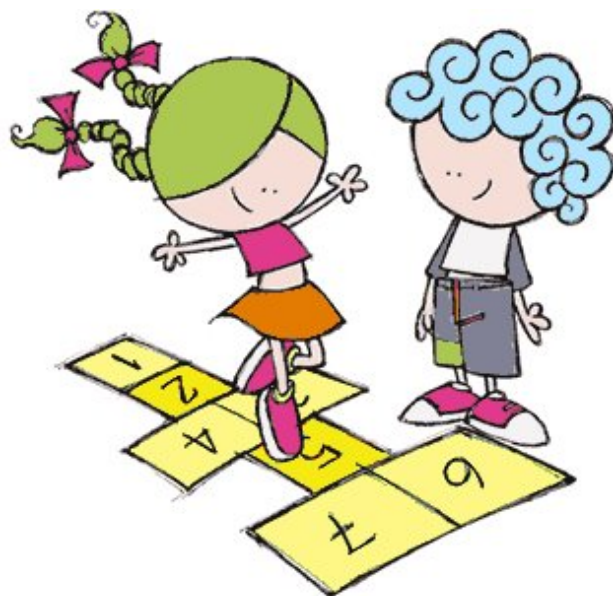


Gráfico 08 – *Pipa (sem varetas)* – percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais

A análise desses dados possibilitou a elaboração de duas cartas linguísticas: Carta 08 – QSL 159 – *Pipa (sem varetas)* e Carta 09 – QSL 159 – *Pipa (sem varetas) Outras denominações*.

Da leitura das Cartas 07 e 08, observamos que: (i) a lexia *arara* só foi encontrada em Montes Claros (131); (ii) em Formiga (141) só foi registrada a variante *aviãozinho*; (iii) em Poços de Caldas (147) ocorreu somente *capuxeta*; (iv) em Uberlândia (135) notamos mais ocorrências de variações lexicais, sendo elas: *papagaio*, *pipa*, *raia* e *ratinha*.

Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?



4.5 AMARELINHA⁷

“Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 35).

(24) INF. – É **amarelinha**.

INQ. – Como é que é a amarelinha?

INF. – **Amarelinha**... você faz o risco né? Um... põe dois, aí um, um... põe dois, um, um, um, aí você tem que joga a pedrinha... aí cada, você começa do primeiro né, aí aqui é o inferno e você tem que chegar no céu. No final tem uma meia-lua que é o céu. Aí você tem que ir acertando a pedrinha, na hora que você chegar à pedrinha, você não pode pisar no quadrado da pedrinha, você tem que pular ele e voltar. Na hora que você volta, pega a pedrinha e vai pular de novo, vai até no começo. Aí joga a pedrinha no próximo quadrado. Aí tem hora que você pisa no de duas vezes, pisa de um só pé só.

Inq. 138/01 (Belo Horizonte - MG)

Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

(25) INF. – **Maré**

INQ.– O que seria maré?

INF.– **Maré** é uns quadradinhos que você joga, seria onde você, pauzinho, pedacinho de telha que você pega, você não pisa mais naquele, seria só onde você jogar, você pisa só com um pé. Quando for um de um lado, outro do outro, você pisa com o pé do lado ou do outro e não pode pisar na linha! Você vai e volta. Até chegar no final.

Inq. 139/01 (Ipatinga - MG)

Inf.: homem, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto.

Podemos observar nos exemplos (24) e (25) que os informantes descrevem, em detalhes, as regras da brincadeira *amarelinha*, demonstrando assim que essa brincadeira faz parte da cultura mineira.

Na conceituação do dicionário da língua portuguesa Houaiss (2009), teremos o significado como um regionalismo brasileiro e a brincadeira vem definida como:

⁷ Amarelinha

Disponível em: <<https://sites.google.com/site/webquestsequencianumerica/processo>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

Brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto. Houaiss (2009)

Dessa forma, podemos observar as semelhanças das descrições dos informantes nos exemplos (24) e (25) como a descrição abordada no dicionário.

Para a questão 167 do QSL, obtivemos o total de respostas de 98 ocorrências, das quais 84,7% são respostas válidas (83 ocorrências) e obtivemos um elevado índice de NS/NL/NO, sendo este 15,3% (15 ocorrências), correspondente para as não obtidas, sendo registrados 06 NS, 06 NL e apenas 03 de NO.

A análise estatística das ocorrências permite visualizar que: *amarelinha* predomina com 43,4%, seguido de *maré* (34,9%), *maê* (12%), *macaco* (3,6%), *baliza* (2,4%), *pula-pula* (2,4%) e *outras denominações: pular balé*, com apenas 1,2%. Como se pode visualizar no Gráfico 09.

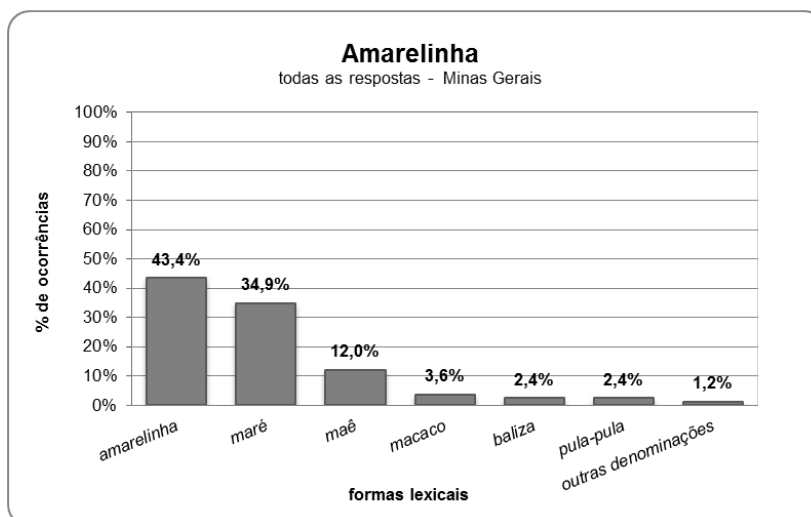


Gráfico 09 – Respostas documentadas para a pergunta 167/QSL – todas as respostas – Minas Gerais

As formas obtidas no levantamento da região mineira foram: *amarelinha*, *maré*, *maê*, *baliza*, *macaco*, *pula-pula* e outras denominações: *pular balé*. A partir da análise dos dados documentados, constatamos que *amarelinha* ocorreu na maioria das localidades do território mineiro, sendo obtida em 43,4%, seguida de *maré* com 34,9%.

Os agrupamentos tiveram como base a retirada dos verbos de ação “brincar”, “brincar de” e “pular”, conforme podemos observar no quadro 11:

Agrupamentos lexicais	Formas lexicais agrupados
Amarelinha	<i>Amarelinha; marelinha</i>
Baliza	<i>baliza</i>
Macaco	<i>macaco; pular macaco</i>
Maê	<i>maê; maiê.</i>
Maré	<i>maré; brincar de maré; pular maré</i>
pula-pula	<i>pula-pula</i>
outras denominações	<i>pular balé</i>

Quadro 11 — Formas lexicais para a questão 167 – QSL – agrupamentos

Verificamos que *amarelinha* o processo do metaplasmo aférese, o qual consiste na perda da vogal inicial (*marelinha*), este foi registado apenas em um informante de Patos de Minas, nas demais localidades só documentamos a presença da lexia *amarelinha*.

Documentamos *baliza*, apenas em uma localidade mineira, Teófilo Otoni, sendo obtido apenas nas falas dos informantes de faixa etária dois, eles nomeiam essa brincadeira apenas como *baliza*, assim podemos observar na fala do informante homem, a seguir:

- (26) INF. – **Baliza. Baliza**
 INQ. – Tem outros nomes?
 INF. – Não
 INQ. – O senhor lembra como é o desenho dessa brincadeira?
 INF. – Ah! Eu lembro s...
 INQ. – Que os meninos riscavam no chão?
 INF. – É... Riscava um quadro bem grande... e separava os quadrinho piqueno e fica pulano... de quadro em quadro... chama **baliza**.
 INQ. – E tinha um lugar para chegar assim... Assim como C. tá desenhando ali...
 AUX. – É assim?
 INF. – É... é assim...
 AUX. – Iria pulando aqui, pulando aqui
 INF. – É... Chama-se de . **baliza**

Inq. 133/03 (Teófilo Otoni - MG)

Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

Apenas em Januária foi documentada a lexia *macaco*. Esta ocorreu uma única vez somente como *macaco*, pela informante de faixa etária I, e em outras duas falas com o verbo de ação “*pular macaco*”, estas encontramos nas falas dos informantes mais velhos, faixa etária II. É importante ressaltar que o informante de faixa etária I não soube o nome dessa brincadeira. O que nos permite dizer que apesar de ser uma lexia muito registrada na Bahia, conforme a tese de Ribeiro

(2012), em Minas Gerais a lexia só está presente em apenas uma localidade do estado.

O que motivou o critério de agrupamento para as lexias *maê* e *maiê* foi a ocorrência do elemento fônico, sendo a primeira realizada sem o ditongo, já a segunda com a presença de uma ditongação. Optamos por nomear o agrupamento de *mêe*, devido ao maior número de ocorrências, ou seja, observamos nove ocorrências de *maê* e apenas uma ocorrência de *maiê*, esta foi encontrada em Montes Claros.

- (27) INF. – **Amarelinha**
 INQ. – Tem outros nomes?
 INF. – Só **Amarelinha**.
 INQ. – Você brincou?... Você se lembra como era? Você não lembra de chamar de outro nome por aqui não?
 INF. – Na minha época usava, minhas meninas brinca de **amarelinha**.

Inq. 132/02 (Pirapora - MG)

Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto (grifo nosso)

Observamos na fala da informante de faixa etária I, a ocorrência ainda de uma variação diafásica, na qual, ela deixa bem claro que há um nome para a época que ela brincava e que atualmente eles chamam por outro nome, como podemos verificar no exemplo (27).

Já no exemplo (28), podemos observar a ênfase que a informante faz, ao mencionar o nome da brincadeira, pelo marcador espacial “aqui”, ratificando o nome dado à brincadeira naquela localidade.

- (28) INF. – **Maê**
 INQ. – Como?
 INF. – Aqui fala **maê**, que é o que eles falam, né? **Pulando amarelinha. Amarelinha**. Aqui usa **maê**.

Inq. 128/02 (Januária - MG)

Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto

Para o agrupamento *maré*, uma forma lexical indicada nos dicionários pesquisados, utilizamos o critério de simplificação de lexias complexas (que continham o verbo de ação “brincar” e “pular”) em lexias simples. Vamos observar o exemplo:

(29) INF.- é brincar de **maré**.

Inq. 139/03 (Ipatinga - MG)
Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

A forma *pula-pula* foi obtida em dois distintos pontos de Minas Gerais, 137 e 141, sendo eles, respectivamente: Campina Verde e Formiga. Esta forma foi nomeada por informantes de faixa etária II, tais informantes afirmam conhecer essa brincadeira somente por *pula-pula*, como podemos verificar no exemplo (30):

(30) INF.- Ah, me falhou agora, eu já brinquei daqui lá...**pula-pula**? É **pula-pula**?

INQ.- Hum!

INF.- Acho que era **pula-pula** que nói fazia, sei tinha um, dois...

INQ.- Dois, três...aí vai pulando, joga pedrinha...

INF.- Joga pedrinha pra certa, eu sei qual que é as meninas... brincam muito com isso, as minhas meninas brincam muito.

INQ.- Na rua?

INF.- É.

Inq. 141/03 (Formiga - MG)
Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

Documentamos apenas uma ocorrência de *pular balé*, essa foi registrada em Poços de Caldas, pela informante idosa que associa a brincadeira com balé, pois, segundo esta, fica “na ponta do pé”, como podemos analisar na própria fala da informante, exemplo (31).

(31) INQ. – É assim, tem os números aqui, aí joga uma pedrinha, onde eu joguei a pedrinha, eu não posso pular, eu não posso pisar, aí eu tenho que vir para esse...

INF. – Aqui se chama **pular balé**

INQ. – A é?

INF. – É porque pula com um pé só e tal, na ponta do pé, se chama **pulá balé** as criança conhece aqui.

Inq. 147/03 (Poços de Caldas - MG)
Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.

Aventamos a possibilidade de reunir *pular balé* com *maré*, por ser uma variação fonético-fonológica possível, entretanto não concretizamos o agrupamento de *pular balé* com *maré* tendo em vista que a lexia: (i) pode ser apenas uma forma idioletal ou (ii) pode ser uma forma ainda não documentada antes e quando os outros dados dos estados forem agregados à amostra do Projeto ALiB, a forma *pular balé* pode ocorrer novamente.

Na pesquisa em dicionários, para a brincadeira *amarelinha*, verificamos que as obras registram *amarelinha*, como uma atividade lúdica. Em nenhum deles encontramos as lexias *baliza*, *maê*, *maré* e *pular-balé* como entrada para a brincadeira infantil. *Macaco* está dicionarizado apenas em Houaiss (2009) e *pula-pula* foi explicitado em dois dicionários: Geiser (2011) e Sacconi (2009). Todos os dados do levantamento podem ser consultados no quadro 12, a seguir.

Itens Documentados	BORBA (2002)	GEISER (2011)	HOUAISS (2009)	SACCONI (2009)	QUADROS; ROSA (2005)
<i>amarelinha</i>	D	D	D	D	D
<i>baliza</i>	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
<i>macaco</i>	DCOS	DCOS	D	DCOS	DCOS
<i>maê</i>	ND	ND	ND	ND	ND
<i>mare</i>	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS	DCOS
<i>pula-pula</i>	DCOS	D	DCOS	D	ND
<i>pular balé</i>	ND	ND	ND	ND	ND

Quadro 12 — Formas lexicais para a questão 167 – QSL – Dicionários

Para realização da cartografia, observamos os dados do ponto de vista da presença em localidade. Há uma diferença mínima entre *amarelinha* (78,3%) e *maré* (73,9%), as quais vêm seguidas de *maê* (17,4%) e *pula-pula* (8,7%). As lexias: *baliza*, *macaco* e *outras denominações: pular- balé* estão empatadas com 4,3%,

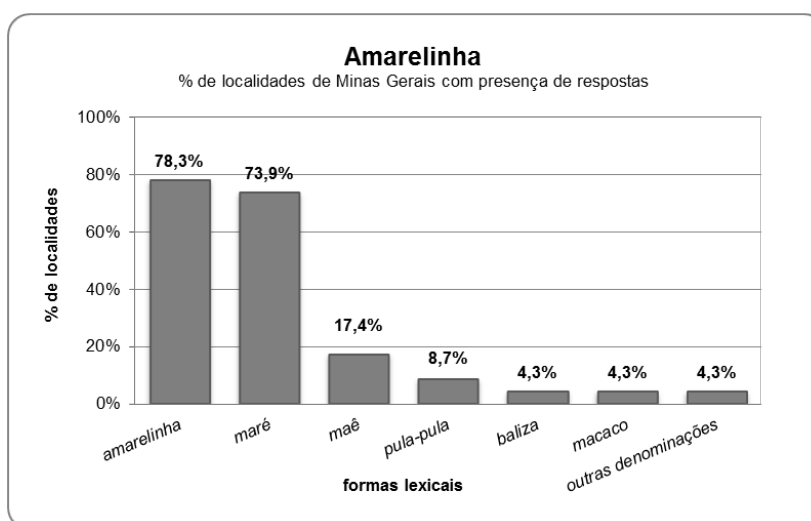
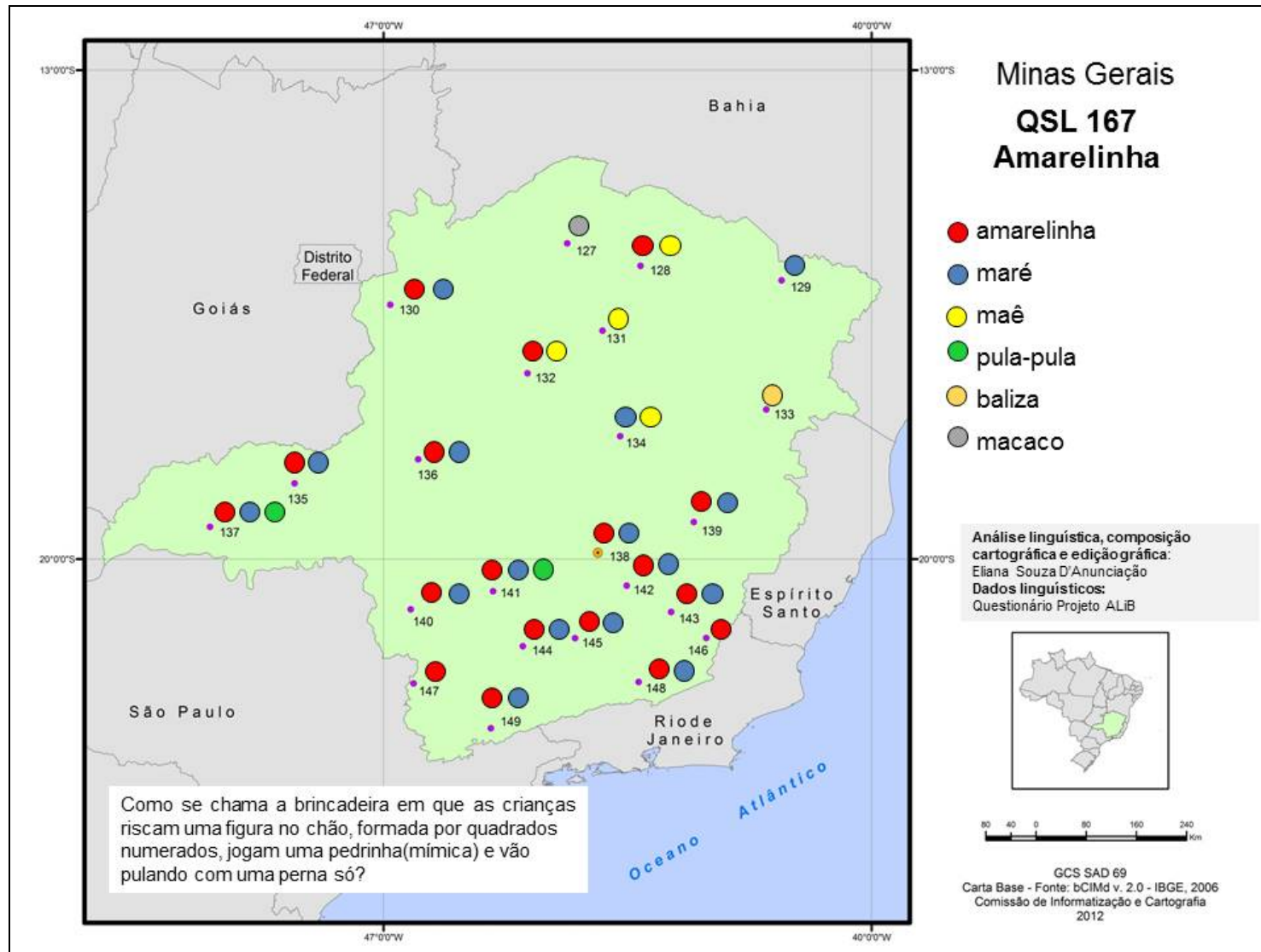


Gráfico 10 – *Amarelinha* – Percentual de localidades em que cada forma ocorre em Minas Gerais

Podemos observar, por meio da carta linguística (Carta 10), a distribuição geolinguística para a lexia *amarelinha*, que não foi encontrada em: Januária (127), Janaúba (128), Pedra Azul (129), Unaí (130), Montes Claros (131), Teófilo Otoni (133) e Diamantina (134). Estes pontos estão localizados no norte de Minas (área de Falar Baiano de Nascentes (1953)), onde predomina *maê*, havendo um registro de *macaco*.



Carta 10 – QSL 167 – Amarelinha

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento e a documentação da diversidade lexical do português falado no estado de Minas Gerais, seguindo os princípios da Geolinguística.

O léxico se mostrou realmente apropriado para o estudo da diatopia, embora, neste caso não tenha sido possível, sistematicamente, traçar isoglossas, o que foi feito apenas para as ocorrências de Pipa (sem varetas – Carta 07).

Documentamos lexias distintas usadas para nomear brinquedos e brincadeiras infantis, demonstrando, ainda, o caminho das palavras que retomam a infância de muitos brasileiros, além do léxico ser “[...] o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem a sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo a cerca da sociedade” (ISQUERDO, 2009, p. 43).

Embora os dados não tenham sido explorados sob a perspectiva da variação social, podemos afirmar que ela é tão importante quanto à variação espacial, já que todos os falantes estão inseridos num contexto social assim como numa determinada localidade. Em etapas futuras, os dados poderão ser reexaminados, descritos e cartografados visando espelhar a variação social, o que não foi objeto da análise empreendida.

É importante ressaltar que os resultados aqui expostos são preliminares, sendo ainda necessário o levantamento do *corpus* para os outros oito brinquedos e/ou brincadeiras infantis (*cambalhota*, *esconde-esconde*, *cabra-cega*, *pega-pega*, *pique*, *chicote-queimado*, *gangorra* e *balanço*) documentados por meio da aplicação do Questionário semântico-lexical do ALiB, nas localidades de Minas Gerais para confrontar os dados obtidos, confirmando ou não o traçado de Nascentes (1953).

Conseguimos identificar com sucesso o perfil das formas para nomear as brincadeiras infantis no estado de Minas Gerais, através do levantamento das formas lexicais obtidas pelos informantes entrevistados. Através da cartografia lexical conseguimos representar a realidade linguística fotografada, embora sem ter podido dar ênfase à identificação das variações diatópica e diastrática consideradas na perspectiva da Geolinguística pluridimensional.

Para uma confirmação ou não do traçado de Nascentes (1953) e/ou do de Zágari (1998) é necessário que sejam realizados mais estudos em todo território

mineiro. Consideramos que seja importante também estudar outros itens lexicais do Questionário Semântico-Lexical (Projeto ALiB), com vistas a promover futura comparação entre áreas homogêneas ou heterogêneas.

A título de ações para a continuidade da pesquisa, vislumbramos comparações entre os trabalhos já realizados pelo Projeto ALiB, para o mesmo campo léxico, como os de Ribeiro (2012), Portilho (2013), Santos (2016) e Romano (2015).

O trabalho promoveu a descrição de parte do Questionário Semântico-Lexical (Projeto ALiB), buscando as designações fornecidas pelos informantes para *jogos e diversões infantis* – perguntas 156, 157, 158, 159 e 167.

Esse trabalho contribuiu para o conhecimento da variação geográfica e, por meio dos estudos realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, podemos conhecer, resgatar e descobrir os fatores culturais de determinados grupos sociais, bem como particularidades do léxico em uso em Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2010.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A palavra e a sentença: estudo introdutório*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v. 1. p. 13-22.
- BORBA, Francisco S. et al. *Dicionário de uso do português do Brasil*. São Paulo, Ática, 2002.
- BROUGÉRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. Revisão Técnica e versão brasileira por Gisela Wajskop. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, Fortaleza, ano 4, n. 2, p. 1-16, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994, p. 37.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSERIU, Eugênio. In: _____. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p. 13-85.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A.M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GEISER, Paulo (Org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- HOUAISS, Antônio; SALLES, Villar. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.
- HOUAISS, Antônio; SALLES, Villar. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Biblioteca*. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Cidades*. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 114-126.

MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. Uma compreensão do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e.(Orgs). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo da Bahia, 2006.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). *Documentos 2*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun., 1955, p. 661-710.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

QUADROS, Jânio Da Silva; ROSA, Ubiratan. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Rideel, 2005.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. In: *Revista ALFA*, n. 11. (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), Marília, SP: FFCL de Marília, 1967, p. 89-128.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SACCONI, Luiz Antônio. *Grande dicionário Sacconi* (2009). São Paulo: Nova Geração, 2009.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos Caminhos do Falar Fluminense*. 155p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2016.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolingüística no Brasil*. Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. Londrina: Editora da UEL, 2005. p. 47-72.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolingüística no Brasil*. Caminhos e perspectivas. Londrina: Editora UEL, 1998.